

Prospectiva (Frutal).

Jornalismo e religião: a imagem que a mídia constrói do Islamismo nos pós-atentados.

Paulo Cesar Corrêa Alves.

Cita:

Paulo Cesar Corrêa Alves (2016). *Jornalismo e religião: a imagem que a mídia constrói do Islamismo nos pós-atentados*. Frutal: Prospectiva.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/repositorio.digital.uemg.frutal/69>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pZsz/Kdc>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Paulo Cesar Corrêa Alves

**Jornalismo e Religião: a
imagem que a mídia constrói
do islamismo no pós-atentados**



Paulo Cesar Corrêa Alves

Jornalismo e religião: a imagem que a mídia
constrói do Islamismo nos pós-atentados

Frutal-MG
Editora Prospectiva
2016

Copyright 2016 by Paulo Cesar Corrêa Alves

Capa: Jéssica Caetano

Imagem de capa: Editora Prospectiva

Revisão: O autor

Edição: Editora Prospectiva

Editor: Otávio Luiz Machado

Assistente de edição: Jéssica Caetano

Conselho Editorial: Antenor Rodrigues Barbosa Jr, Otávio Luiz Machado e Rodrigo Portari.

Contato da editora: editorapropectiva@gmail.com

Página: <https://www.facebook.com/editorapropectiva/>

Telefone: (34) 99777-3102

Correspondência: Caixa Postal 25 – 38200-000 Frutal-MG

ALVES, Paulo Cesar Corrêa.

Jornalismo e religião: a imagem que a mídia constrói do Islamismo nos pós-ataentados. Frutal: Prospectiva, 2016.

ISBN: 978-85-5864-041-1

1. Jornalismo e Religião. 2. A imagem que a mídia constrói do islamismo nos pós-ataentados. I. Alves, Paulo Cesar Corrêa. II. Universidade do Estado de Minas Gerais. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Escrever nunca é um esforço solitário e há muitas pessoas a quem devo agradecer a energia e habilidade dispensadas na conclusão deste trabalho. É claro que há inúmeras formas de homenageá-las por seu empenho, portanto, pensei em formas distintas de dizer obrigado: fá-lo-ei em várias línguas.

Meu primeiro agradecimento é para Deus, logicamente. Sem Ele nada do que foi feito se fez. Agradeço pelo dom da vida e pela misericórdia que se renova. Merci!

Aos meus pais, por sempre terem investido em mim e me apoiado na busca pelo conhecimento. Vocês são preciosos. Danke Sehr!

À minha orientadora, Karol Natasha. Foram muitos puxões de orelha, muitos prazos atrasados e

muita correria, mas, se esse trabalho deu certo, foi por tua causa, por isso muchísimas gracias, chica!

Existem várias pessoas que me apoiaram e me ajudaram nas pesquisas. Algumas delas: Francinele Valdivino, Marina Azambuja, Professor Maurício Mello, Mayana Damas, Renata Fernandes, que tem o dom da “escutatória” e esteve comigo desde o primeiro ano da faculdade. Grande dívida com vocês. Gratias tibi ago!

Aos amigos que estiveram presentes nos momentos bons e maus da faculdade. Alguns eu cito: Caio Machado, Letícia Costa, Douglas Carlos, Dani Heluany – ainda ganho de você no ping pong -, e a todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram para minha formação, shukraan!

As-salaam-alaykum, a todos vocês.

(Respectivamente, os idiomas usados são: francês, alemão, espanhol, latim e árabe)

“O conhecimento pequeno é uma coisa
perigosa; Beba do fundo, ou sequer prove
da fonte Pieriana; Pois os goles rasos
intoxicam o cérebro,
E o beber farto nos torna sóbrios outra vez”.

Alexander Pope

SUMÁRIO

NOTA DO EDITOR.....	09
INTRODUÇÃO.....	10
1 O ISLÃ.....	17
1.1 A HISTÓRIA DO ISLAMISMO.....	19
1.1.1 RAMIFICAÇÕES DO ISLAMISMO.....	26
1.2 O SURGIMENTO DO GRUPO EI.....	30
1.2.1 O EI E SUAS CONTRADIÇÕES COM O ISLAMISMO.....	35
1.3 A XENOFOBIA NO MUNDO OCIDENTAL.....	39

2 O JORNALISMO E O ISLÃ.....	46
2.1. NOTÍCIA COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL....	50
2.2 RELATOS HISTÓRICOS DA NOTÍCIA.....	62
3 O RETRATO DO ISLAMISMO NA MÍDIA NACIONAL.....	68
3.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	68
3.2. A ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS MEIOS.....	68
CONCLUSÃO.....	103
REFERÊNCIAS.....	106
GLOSSÁRIO.....	118
ANEXO.....	123
APÊNDICES.....	130

NOTA DO EDITOR

Uma produção acadêmica de interesse da sociedade com enorme potencial de esclarecimento de questões do campo educacional faz parte do trabalho de Paulo Cesar Corrêa Alves.

Como trabalho de conclusão do curso de Comunicação da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Unidade Frutal, também contou com a orientação da Professora Karol Natasha.

A versão original impressa poderá ser consultada na Biblioteca da Unidade de Frutal. Nossa alegria é imensa por contar com a autora no trabalho de popularização da ciência e da divulgação científica. Quando nos permitiu publicar o trabalho para torná-lo acessível para consulta gratuitamente na *internet* contribuiu para a ampliação da cultura do acesso livre ao conhecimento e da transparência das atividades universitárias.

Professor Otávio Luiz Machado
Editora Prospectiva

INTRODUÇÃO

Depois dos atentados terroristas contra o World Trade Center, no dia 11 de setembro de 2001, uma crise político-internacional se intensificou, colocando o islamismo em voga nos noticiários ao redor do mundo. Desde então, jornais impressos, televisão e também a internet deram grande notoriedade e produziram um determinado discurso acerca do complexo mundo islâmico. Claramente, essa não foi a primeira vez que a região árabe chamou a atenção da mídia¹, mas o impacto e a profundidade dos ataques de 11 de setembro mostram o que Nora e Le Goff (1976,

¹ Desde a década de 1970, o Oriente Médio, onde a maioria dos habitantes são islãos, vem sendo destaque na grande imprensa ocidental, seja em função dos acontecimentos que envolveram Israel e seus vizinhos árabes ou por causa da guerra do Kwait e os anseios de George H. W Bush pelo petróleo árabe. No final da década de 70, a Revolução Iraniana, bem como vários desdobramentos decorrentes disso nos anos oitenta, como a guerra entre o Irã e o Iraque contribuíram para manter uma razoável presença do Oriente Médio na mídia

p. 181-182) nomeiam de acontecimento moderno “monstruoso”, pois:

(...) o fato de terem acontecido não os torna históricos, para que haja acontecimento é necessário que este seja conhecido através da lógica do espetáculo (...). Os Mass media fizeram da história uma agressão e tornaram o acontecimento monstruoso. Não porque sai, por definição do ordinário, mas porque a redundância intrínseca ao sistema tende a produzir o sensacional, fabrica permanentemente o novo, alimenta uma fome de acontecimentos.

No caso do World Trade Center, a grande mídia deu uma nova identidade aos eventos, sendo que a visibilidade dos ataques ganhou grandes proporções através da intensa reprodução das imagens na televisão e internet. Pensando na importância e no poder da mídia na sociedade hodierna, o historiador não pode ignorar a contemporaneidade, pois como dizem Chauveau e

Tétart (1999, p.15), “a história não é somente o estudo do passado, ela também pode ser, com um menor recuo e métodos particulares, o estudo do presente”. A História de hoje é constantemente feita por sociólogos, estudiosos da política e, até mesmo, por profissionais do jornalismo.

Em 2014, o islã voltou a ganhar visibilidade com as decapitações por parte do Estado Islâmico (EI). Esses atos foram filmados e levados às mídias internacionais. No início do ano de 2015, essa visibilidade ganhou ainda mais força. No dia 7 de janeiro, o EI assumiu a autoria do ataque ao jornal satírico francês Charlie Hebdo^{2,3}. Doze pessoas

² Existem informações de que a Al Qaeda teria assumido a autoria do atentado. No entanto, o integrante do EI, Amedy Coulibaly, esteve à frente da organização do atentado, junto aos irmãos Kouachi, integrantes da Al Qaeda.

³ Charaudeau, na obra *Discurso das Mídias* (2009), discorre sobre vários temas jornalísticos, escrevendo vários textos. Um deles é “A construção da notícia: um mundo filtrado”, utilizado para basear o termo “construir” neste trabalho.

morreram no atentado. As mídias, novamente, colocaram o islã em evidência.

Pouco mais de dois meses depois, no dia 18 de março de 2015, outro ataque terrorista assumido pelo EI aconteceu em um museu na Tunísia, próximo ao parlamento nacional. Dezenove pessoas morreram, sendo dezessete estrangeiros.

Ao pensar nesse cenário, o objetivo desse trabalho é entender como a mídia nacional constrói, por meio da cobertura jornalística, o islamismo e o grupo terrorista (EI) após os atentados. Optou-se pelo termo “construir”, de acordo com a teoria de Patrick Charaudeau (2009).

Essa construção da notícia pode ser encontrada em imagens e narrativas acerca de ações terroristas do grupo extremista Estado Islâmico, ligando os atentados de um determinado grupo à religião islâmica.

Isso contribui para estimular casos de xenofobia e preconceito para com pessoas da religião islâmica ou de ascendência árabe no

Brasil⁴. Nesse sentido, a mídia contribui para esta realidade quando não diferencia o EI do islão ou dos árabes.

Com a intenção de analisar o conteúdo de duas plataformas midiáticas, G1 (Internet) e Folha de São Paulo (Impresso), esse trabalho será dividido em três fases cronológicas, de acordo com a teoria de Bardin (1988), são elas: 1) Fase de Pré-Análise; 2) Fase de exploração do material subdividida em cinco categorias de análises: a) espaço; b) posição; c) recurso multimídia; d) qualidade da informação, na qual serão verificadas as fontes e a contextualização das matérias; e) itens

1⁴ Com o estouro da Primavera Árabe e a revolução no Líbano contra Kadafi, muitos libaneses imigraram para o Brasil e sofreram com a xenofobia. Mas isso vem de longa data. Em 1906, um conselheiro municipal nacionalista de São José do Rio Preto, propôs: “Todos os turcos que fallar na lingua turca perto de um brasileiro por cada vez que fallar multa de 10\$000 paga na boca do cofre municipal. Todo brasileiro que ouvir eles fallando e não der parte ao fiscal multa de 10\$000 (TRUZZI, 1997).

de observação; 3) Fase de tratamento dos resultados obtidos e interpretação: os resultados obtidos serão reanalisados e corrigidos, se necessário.

Estudar esse assunto é importante para que haja a compreensão de como a mídia contribui, em seu noticiário, para que a população tenha uma imagem equivocada dos árabes e muçulmanos.

Depois dos ataques de 11 de setembro, segundo Moreira (2009, p. 08), os EUA dividiram o mundo em dois lados, o do Bem e do Mal – o do Bem representado pelo mundo ocidental que busca se defender do terrorismo; e o do Mal representado pelo Islã, que se tornou a encarnação da ameaça terrorista. Essa divisão maniqueísta resumiu a situação na figura da “batalha” entre democracia (bem) e islã (mal).

Tudo se resume em aniquilar o mal, que para Žižek (2003, p.71) é “representado por correntes marginais”. Essa marginalidade se revela como

sendo o que o Ocidente rejeita e não integra seu *status quo*. Tal marginalidade referida por Žižek é consequência da globalização. O fato de os Estados Unidos liderarem o antiterrorismo e serem a “imagem do capitalismo” provoca um mal-estar nos países e povos islãos que se sentem à margem do processo de globalização.

Esta pesquisa mapeará as representações do islã nos meios escolhidos. Será estudada a forma como se dá a sua construção na mídia, mais especificamente em dois períodos:

- 1) 08 de janeiro de 2015, o dia posterior ao ataque à Charlie Hebdo;
- 2) 19 de março de 2015, o dia posterior ao atentado ao Museu Bardo.

O fato de as datas analisadas serem próximas a épocas de atentados é intencional, pois o objetivo deste estudo é realmente verificar como as mídias apresentam o islã em períodos de tensão.

1. O Islã⁵

Este capítulo tem como finalidade apresentar o islã, uma religião monoteísta que acredita na existência de somente um Deus e é baseada nos ensinamentos de Mohammed, chamado pelos ocidentais de Maomé. Segundo diz a tradição dos islãos, o arcanjo Gabriel revelou-lhe a existência de um Deus único.

A palavra islã significa submeter-se e exprime a obediência à lei e à vontade de Alá.

Seus seguidores são os muçulmanos - aquele que se subordina a Deus.

Dentre os muitos princípios do Islamismo, cinco são regras fundamentais para os seguidores de Alá: 1- Crer em Alá, o único Deus, e em

⁵ No apêndice, segue-se a cronologia de fatos que envolveram o islã, desde o seu surgimento até os dias atuais, para que haja uma maior compreensão do contexto deste capítulo.

Maomé, seu profeta; 2 - Realizar cinco orações diárias comunitárias⁶ (salat); 3 - Ser generoso para com os pobres e dar esmolas; 4 - Obedecer ao jejum religioso durante o Ramadã (mês anual de jejum); 5 - Peregrinar à Meca pelo menos uma vez durante a vida (hajj).

Após a morte de Maomé, o islamismo sofreu ramificações, dividindo-se em diversas vertentes com características distintas. As duas maiores vertentes do islã são a dos sunitas e a dos xiitas.

No Brasil, o islamismo chegou através de escravos africanos trazidos ao país. Depois, com o grande fluxo migratório de árabes ao Brasil, a religião começou a se expandir. A primeira mesquita islâmica no Brasil foi fundada em 1929, em São Paulo (FRANCISCO, 2010).

⁶ As orações diárias são: a) Fajr: ao alvorecer; b) Dhur (ou Dor ou Zhur): ao meio-dia, depois do sol ter atingido o seu ponto máximo c) Asr (ou Alá-sari): entre o meio-dia e o pôr-do-sol; d) Maghrib (ou Magarebe): logo após o pôr-do-sol e) Isha (ou Ichá): de noite, pelo menos uma hora e meia após o pôr-do-sol e antes da hora de fajr.

Atualmente, no país, existem mais de 35.000 fiéis ao islamismo (IBGE, 2010). Por outro lado, a Federação Islâmica Brasileira afirma que existem cerca de 1,5 milhão de adeptos do Islã no país e estima que 50 mesquitas e mais de 80 centros islâmicos estão espalhados pelo Brasil.

Grande parte dos islãos brasileiros vive nos estados de São Paulo e Paraná, mas existem concentrações no Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. A maior parte é descendente de sírios e libaneses, que emigraram para o Brasil fugindo das guerras e, mais recentemente, da Primavera Árabe.

1.1 A HISTÓRIA DO ISLAMISMO

Para se falar de islamismo é necessário entender, primeiramente, os árabes. Esse povo, de origem semita como os judeus, nem sempre foi aficionado à religião maometista. Pelo contrário,

eram politeístas, adorando a 360 deuses que ficavam juntos à Caaba — edifício que abriga um meteorito, ou pedra negra, que caiu na cidade de Meca e se tornou sagrado.

A maioria dos deuses eram astros. A lua era Hubal, a divindade que ajudava a prever o futuro; Vênus era Uzza e, como em outras mitologias, também era a deusa do amor. No entanto, havia um deus que estava acima de todos e que, de tão poderoso, não tinha recebido nome. Era chamado de al-Illah ou “o deus”. Uma aglutinação e al-Illah se tornou Allah.

Allah tinha outro nome para os judeus: Javé – O Deus com “d” maiúsculo conhecido pelos povos Ocidentais. O Pentateuco já havia sido escrito pelos judeus há quase mil anos e era bastante conhecido no mundo habitado⁷. A ideia central do Pentateuco era o relacionamento de Javé

⁷ VERSIGNASSI. Alexandre. Maomé: a face oculta do criador do islã. **Revista Super Interessante**. São Paulo: Editora Abril, 2015.

e os descendentes de Abraão. Esse patriarca, pai de Isaque e avô de Israel, teve um filho com uma escrava egípcia, Agar. O nome do menino era Ismael. E, de Ismael, descende o povo Árabe.

Em muitas coisas as histórias dos dois povos se parecem. Aslan (2005, p. 3, tradução própria), narra um fato árabe que é semelhante ao dos judeus:

Eles creem que depois de Noé, Caaba foi esquecida por séculos até Abraão redescobri-la enquanto visitava seu primogênito, Ismael, e sua concubina, Hagar, ambos banidos para o deserto a mando da esposa de Abraão, Sara. E eles acreditam que foi nesse mesmo lugar que Abraão esteve prestes a sacrificar Ismael antes de ser parado pela promessa de que,

como seu irmão mais novo, Isaque, Ismael, também geraria uma grande nação (...)⁸.

A forte presença de comunidades judaicas na Península Arábica⁹ e as histórias que os judeus contavam aos árabes fizeram-nos crer que também eram um povo bíblico. A diferença era que os árabes, descendentes de Ismael, adoravam vários deuses, ao contrário dos judeus monoteístas. Foi nesse contexto que, em 570, nasceu Maomé, o profeta sagrado do Islã.

⁸ They believe that after Noah, the Ka'ba was forgotten for centuries until Abraham rediscovered it while visiting his firstborn son, Ismail, and his concubine, Hagar, both of whom had been banished to this wilderness at the behest of Abraham's wife, Sarah. And they believe it was at this very spot that Abraham nearly sacrificed Ismail before being stopped by the promise that, like his younger brother, Isaac, Ismail would also sire a great nation (...).

⁹ Depois da Diáspora no ano 70 d.C, os judeus se espalharam pelo mundo, ficando raízes na Península Arábica e na Europa.

O islã abrange cerca de 1,3 bilhão de pessoas, ou seja, aproximadamente um quinto da humanidade (GOMES, 2012). De acordo com Dermant (2008, p.13), os maometistas se misturam na convivência com outras religiões e culturas: “Eles se encontram concentrados num vasto arco, que se estende da África ocidental até a Indonésia, passando pelo Oriente Médio e a Índia. Em muitos países desta vasta região, os muçulmanos constituem a maioria da população local e, em outros, importante minorias”.

Além da presença dessa cultura no mundo, a história do Islã é fator predominante para compreender qualquer conflito atual entre ocidente e oriente médio. Partindo do estudo da história de constituição do Islã no mundo, iniciada há mais de 1.400 anos e espalhada por três continentes em variadas sociedades, consolidando sua religião e seus valores sociais.

No século VII, a ascendência da religião de Maomé já era conhecida no mundo e não só isso: era também vista como um poder político em crescimento devido ao Império dos Califas “(...) que se estendia para leste na Ásia até, às vezes além, às fronteiras da Índia e da China; a oeste, ao longo da costa sul do Mediterrâneo, até o Atlântico; ao sul, na direção dos povos negros da África; enquanto ao norte penetrava nas terras dos povos brancos da Europa” (LEWIS, 1996, p.62).

O crescimento do Islã no Oriente foi gradual, no entanto, mais fácil do que se imaginava. Os impostos cobrados pelos árabes eram mais baixos que os cobrados pelos bizantinos, principalmente para os muçulmanos. “O Estado árabe estendeu a mesma tolerância, legalmente definida, a todas as formas de cristianismo, sem preocupar-se com os pontos mais sutis da ortodoxia” (LEWIS, 1996, p.63).

Mas não só através de bondade e impostos mais baratos aos que se convertiam que o islã cresceu. Também fizeram guerras. Nos locais conquistados, eles construía bases militares e centros administrativos. A língua era o árabe coloquial, forçando os “conquistados” a aprenderem a língua. Todas essas coisas foram fatores importantes para o fortalecimento do Islã, segundo Lewis (1996, p.62).

A arabização e islamização dos povos das províncias conquistadas, e não a conquista militar em si, é que constituem a autêntica maravilha do Império árabe. O império em que eles exerceram supremacia política e militar foi muito curto e, logo depois, se viram obrigados a entregar o controle do império, e mesmo a liderança da civilização que haviam criado a outros povos. A língua, a fé, e a lei, no entanto, permaneceram – e ainda permanecem – como um monumento duradouro a seu domínio.

Esse período islâmico não foi marcado somente por conquistas. Também, depois da morte de Maomé, o islã se dividiu em algumas vertentes que serão tratadas no próximo tópico.

1.1.1 RAMIFICAÇÕES DO ISLAMISMO

Religiosamente falando – embora todos os muçulmanos creiam em Alá e Maomé – é possível perceber ramificações dentro do islamismo. A divisão mais visível do islã é entre os sunitas e os xiitas.

Os sunitas são maioria. Segundo a edição de 2007 do Almanaque Abril, noventa por cento dos muçulmanos adotam essa linha. Eles têm esse nome por admitirem tanto no Alcorão como na *sunna* a determinação do comportamento muçulmano correto. A “*sunna*” é o comportamento ou a tradição da comunidade muçulmana primitiva. A junção dessas tradições

árabes, no Alcorão, por Maomé, deu a esse povo um caráter unitário e, dessa forma, pôs um fim às dissensões internas.

Com a morte do Profeta Maomé, as *sunnas* do Alcorão – referidas nele próprio como *Sunnas* de Alá –, passaram cada vez mais a ser conhecidas como *Sunnas* de Maomé, ou *Sunna* de Maomé. Porém, essas tradições se mostraram ineficazes e incompletas com o decorrer dos anos e, acima de tudo, à medida que os árabes cresciam e entravam em contato com povos não árabes. Justamente por causa dessas lacunas do Alcorão, criou-se no islamismo a tradição dos Hadith: homens que ditavam a maneira mais adequada de se agir frente às situações sobre as quais o Alcorão nada mencionava. Os Hadith estudavam o Alcorão a fundo e, baseados nesses estudos e nas tradições orais passadas ao longo do tempo, davam seu parecer sobre como agir. Os sunitas desenvolveram a Shariah, um código que deriva do Corão, da

tradição islâmica e do consenso entre suas comunidades.

Já os xiitas creem que todas as revelações divinas foram recebidas por Maomé estão contidas no Alcorão¹⁰. Por causa disso, são necessárias as lideranças religiosas para interpretar o Alcorão – os Imãs. Os xiitas, que são 10% dos muçulmanos, apoiam Alí, o primo/genro de Maomé e um dos primeiros sucessores como líder da comunidade islã.

¹⁰ O grupo xiita surgiu no começo da história do Islã, resultado do “jogo” pela continuidade do califado depois da morte do profeta Maomé, no ano 632. O que estava em disputa era em que facção recairia a liderança do poderoso império islâmico que dominava a chamada “medialuna fértil”, e que se alongaria para o norte de África e a península ibérica. Para os sunitas o sucessor deveria surgir da comunidade dos crentes, ao contrário dos xiitas, que buscaram seguir a linha de sucessão na família de Maomé. Contra a opinião de Alí, genro do Profeta, o califado recaiu na facção Umaya, que representava a aristocracia tribal de Meca. Suportando durante alguns anos esta situação, Alí e os seus seguidores se rebelaram e assassinaram o terceiro califa no ano 656, o que deu lugar à primeira guerra civil islâmica.

Existem outras ramificações, mas sem a força dos sunitas e xiitas. Os sufis¹¹, por exemplo, são aqueles que buscam uma experiência mística com Deus antes mesmo de conhecê-lo intelectualmente.

Há, também, os wahhabitas – a maioria é de origem da Arábia Saudita. Surgiram no século 18, liderados por Muhammad ibn Abd al-Wahhab. Acreditam que seria necessário viver de acordo com os ditames estritos do Islã, que eles

¹¹ O sufismo é uma linha mística do islamismo e, apesar de sua origem, sofreu perseguição dos muçulmanos em diversos momentos da história. A justificativa para isso era a ameaça ao monoteísmo do islamismo. Por outro lado, o Alcorão também serve como inspiração para o sufismo. A palavra sufismo é derivada do termo árabe *suf*, que significa lã. Outra diferença do islamismo para o sufismo está na meditação, enquanto os primeiros creem que as cordas vocais e os instrumentos musicais estão ligados ao demônio, os segundos utilizam a música para alcançar um estado mental elevado que se aproxima do contato com Deus. Para chegar a este patamar, os sufistas fazem uso da poesia e batidas rítmicas de tambores. A meditação com o som produzido leva-os a um estado de transe. Esta técnica também era utilizada pelos adeptos do vodu, que tem origens africanas. Um dos mais tradicionais tipos de música sufista é feito pelos dervixes, famosos por suas músicas rápidas e danças agitadas (FARRINGTON, 1999).

interpretavam como a vida de acordo com os ensinamentos do profeta Maomé e os seus seguidores durante o século VII, em Medina. Os wahhabitas também consideraram que os muçulmanos que violam as suas interpretações estritas são hereges e fizeram uso da violência contra outros muçulmanos. Quando Abdul Aziz al-Saud fundou a Arábia Saudita, ele trouxe consigo os wahhabitas para o poder.

1.2 O SURGIMENTO DO GRUPO EI

Com o começo de uma guerra civil na Síria no ano de 2011 e a saída dos soldados americanos do Iraque, o EI conseguiu obter ganhos significativos em ambos os países, tanto nos confrontos contra as forças governamentais e rebeldes moderados na Síria, quanto no Iraque (FILHO & DELGADO, 2015). Usufruindo do colapso das forças bélicas

iraquianas e do vazio na segurança provocado pela saída dos americanos, o EI tem logrado rápidos avanços no norte e no oeste da nação, dominando inclusive a segunda maior cidade iraquiana, Mosul, assim como regiões ricas em petróleo (GORZEWSKI, 2014; LISTER, 2014). No final de junho de 2014, o EI declarou um califado¹² islâmico, com Abu Bakr al-Baghdadi como seu califa. É uma forma de governo centrada na figura do califa, líder político e religioso do Islã, considerado o sucessor do profeta Maomé. O califado representaria toda a população muçulmana e teria como base a lei islâmica. A declaração de um califado, pelo EI, tem, portanto, grande impacto ideológico e religioso.

O EI impõe o cumprimento da *sharia*, a lei islâmica, nas cidades sob seu domínio e tem articulado uma forte perseguição a minorias religiosas, como cristãos, yazidis e xiitas.

¹² Do árabe, califado significa sucessão.

A *sharia*, o conjunto de fontes do direito revelado (*Fiqh*), tendo o Corão como matriz, é a grande bandeira retórica “restauradora” e “purificadora” do EI. Porém, as ações do autoproclamado califado são avessas aos preceitos jurídicos em muitos pontos, começando pela sua própria constituição político-institucional, pois o califado deve ser estabelecido pelo consenso majoritário da comunidade “universal” de fiéis, sendo que qualquer contrariedade aos fundamentos jurídico-morais do Islã é causa para oposição e desconstituição do regime estabelecido.

Da mesma forma, a *sharia* dita a tolerância em favor das minorias religiosas dentro da *Ummah*, outorgando inclusive titularidade jurídica e cidadania a essas pessoas (*Dhimmis*) – desde que aceitem viver sob o estatuto político da *Ummah* (adesão, contrato / *Dhimma*) – tendo, em contrapartida, proteção a direitos patrimoniais, extrapatrimoniais na esfera privada, em especial a

liberdade de crença e direitos políticos, constituindo assim um sistema plural “fraco” (VIEIRA, 2015).

Embora sejam controversos em relação às tradições do islã, o grupo fica cada dia mais forte, na medida em que seus avanços facilitam o aumento do número de recrutas, o acesso a armas e a recursos financeiros (KIMBALL, 2014; LISTER, 2014; SIMCOX, 2014). Sendo assim, o EI deixou de ser um problema "sectário e regional" para se tornar uma grande preocupação também para as potências ocidentais, sendo descrito pelo Pentágono como "um adversário imponente e de grande qualidade" (BBC, 2014). O Estado Islâmico se utiliza de uma combinação de ameaças, incentivos e ideologia, para alistar novos membros, incluindo campanhas sofisticadas nas mídias sociais, em diversas línguas, que atraem inúmeros combatentes estrangeiros, inclusive ocidentais.

O Estado Islâmico, conforme March e Revkin (2015), alega seguir as leis islâmicas da guerra e, de acordo com sua propaganda, o califa é o responsável por assegurar sua estreita observância. O EI até mesmo emite diretrizes e pareceres jurídicos, por meio de clérigos sob sua autoridade, especificando as condições sob as quais os combatentes inimigos podem ser alvo de ataques, torturados, mutilados ou mortos, bem como regras sobre o pagamento de resgates por não muçulmanos sequestrados. O EI também tem normas que disciplinam as garantias de segurança para jornalistas e pessoal humanitário. Dessa forma, o grupo alega que seus combatentes estão agindo legalmente, mas segundo suas próprias regras (FILHO & DELGADO, 2015).

1.2.1 O EI E SUAS CONTRADIÇÕES COM O ISLAMISMO

Um ponto crítico de contradição do EI com o islamismo é a confrontação ao tratamento cruelmente banal dado pelos jihadistas à vida humana com os preceitos jurídico-religiosos da Sharia.

No islamismo, a vida (Al hayaa) tem um viés mítico-sagrado, sendo um presente divino, um bem irrenunciável dado por Allah. A vida, enquanto expressão consciente e retificadora da vontade, fundada por um suporte biológico, não deve ser apenas gozada, mas há uma fundamentação moral que se volta à alteridade (ABDALAT, 1998).

Dessa forma, o Islã não é um sistema moral, político, econômico e religioso de banalização da vida, de valorização da morte, de fomento à violência, de provocação ao terror. Salientando que afirmar todos estes estigmas é reduzir uma

civilização à barbárie. No Corão há a declaração clara de condenação ao homicídio e ao suicídio, dispendo: “E não vos mateis. Por certo, Allah, para convosco é misericordioso. E quem o faz, com agressão e injustiça, fá-lo-emos entrar no Fogo. E isso para Allah é fácil” (NOBRE ALCORÃO, 4, 29- 30).

A *sharia* ainda enfatiza como ação abominável o homicídio sem causa de pessoas inocentes ao afirmar: “[...] prescrevemos aos filhos de Israel que quem mata uma pessoa, sem que esta haja matado outra ou semeado corrupção na terra, será como se matasse todos os homens. E quem lhe dá a vida será como se desse a vida a todos os homens” (NOBRE ALCORÃO, 5, 32).

No Corão não existe a “santificação da guerra”. Ela é considerada um caos que só pode ser exercido como último recurso para a defesa da *Ummah* contra invasões e opressões (*jihad* menor), devendo durar pouco tempo, em nome da

restauração da paz (NOBRE ALCORÃO, 8, 16-17). Exemplo mencionado entre os muçulmanos é a conquista de Meca pelos insurgentes muçulmanos contra os coraixitas, nos primórdios do Islã, onde não houve derramamento de sangue na cidade tomada (MAHAIRI, 1989).

Percebe-se, pois, que os movimentos fundamentalistas que incitam o ódio fazem uma leitura errônea e truncada do Corão. Alguns versículos são lidos de forma solta. Exemplo deste tipo de conduta encontra-se na sura 2 do Corão (A Sura da Vaca). Movimentos terroristas como Al Qaeda citam o versículo 191 da sura 2, como forma de incitar e legitimar a violência:

E matai-os, onde quer que os acheis, e fazei-os sair de onde quer que vos façam sair. E a sedição pela idolatria é pior que o morticínio. E não os combateis nas imediações da

Mesquita Sagrada, até que eles vos combatam nela. Então, se eles vos combaterem, matai-os. Assim é a recompensa dos renegadores da Fé. (NOBRE ALCORÃO, 2, 191).

Porém, a leitura integral (2, 190-194) trata sobre o direito de defesa a ataques estrangeiros, o sentido da Jihad menor. Outro trecho abordado costumeira e mutiladamente é o versículo 36 da Sura 9 (Sura do Arrependimento), que sem a devida contextualização dá a impressão de incentivo à luta, enquanto a abordagem correta é sobre o direito de resistência contra a supressão do direito de professar o Islã (KAMEL, 2007).

Pode-se notar, então, através de tudo o que foi discorrido acima, que existe uma diferença entre o islamismo e o EI.

1.2 A XENOFOBIA NO MUNDO OCIDENTAL

O preconceito aos muçulmanos não iniciou no século XXI. Muitas coisas já haviam acontecido antes dos atentados ao World Trade Center, Pentágono, Charlie Hebdo e o Museu Bardo.

Toda a história de tensão envolvendo o mundo árabe e o Ocidente vem de muito tempo atrás. Gomes (2012, p.1) aborda o assunto histórico de tal forma:

(...) o Islã está na encruzilhada de ranços históricos entre tradicionais muçulmanos, fundamentalistas reorganizados, outras ramificações que se baseiam na fé islâmica para aglutinar fiéis e agirem violentamente contra o que chamam de “Ocidente” e outros elementos simbólicos desta cultura.

Entretanto um problema de interpretação que tem gerado justificativa para guerras, como se viu na última invasão estadunidense (com apoio inglês) no Iraque, bem como tem alicerçado discórdia entre povos e culturas se diferenciando entre si, e, nesta ótica da diferença o poder simbólico da geografia atual põe o muçulmano como o subalterno, o inferior, o arcaico, o primitivo, e muitas vezes o demoníaco.

Mediante a esses acontecimentos, no livro *A Grande Guerra pela Civilização*, Robert Fisk encontra antigos adjetivos do Oriente e às formas culturais do islã. Fisk (2007, p.70) ressalta as aventuras do personagem Tom Graham, herói britânico na luta contra os maometistas.

O resto do romance é um inquietante conto de racismo, xenofobia e explícito ódio antimuçulmano durante a Segunda Guerra

Afegã. Na segunda metade do século XIX, a rivalidade e o receio anglo-russos concentraram-se no Afeganistão, cujas fronteiras não demarcadas transformaram-se em imprecisas linhas de frente entre a Rússia imperial e o Raj britânico na Índia. As principais vítimas do “Grande jogo”, como se referiram de forma pouco sensata os diplomatas britânicos aos sucessivos conflitos no Afeganistão – na realidade, havia algo tipicamente infantil nos ciúmes entre Rússia e Grã-Bretanha –, foram evidentemente, os afegãos. Essa terra continental de desertos, altas montanhas e vales verde-escuros havia sido, durante séculos, ponto de encontro cultural – entre Oriente Médio, Ásia central e Extremo Oriente – e ao mesmo tempo campo de batalha.

Como visto acima, essa história anti-muçulmana do autor William Johnston mostra o olhar agressivo ao Oriente Médio pela Grã-Bretanha, em 1900.

No decorrer da história, Graham encontra alguns paquistaneses e fala: “[...] uns seres infames (...). A maioria desses fanáticos usava esses capacetes justos que dão a seu portador uma aparência diabólica” (FISK, 2007, p.71).

Essas visões preconceituosas citadas vêm de um olhar ficcional. No entanto, elas refletem, de certa forma, uma perspectiva de olhar o islã.

A partir do uso da narrativa xenofóbica sobre o islão na metade do século retrasado, mostrada pelo romance de Johnston, passando pela posição de colonizar com a cultura ocidental pela Europa e depois pelos Estados Unidos, há na circunstância mais atual, elementos econômicos que consolidam políticas internacionais de conflitos civis no mundo árabe.

Algumas décadas depois em 1980 a opressão cobria o Oriente Médio no Iraque, Irã e Afeganistão. Mas agora com mais complexidades de interesses envolvidos. O sistema opressor vinha dos regimes ditatoriais dos países, das ligações petrolíferas com os Estados Unidos e a Rússia, e nesse enredo o Ocidente era indiferente ao sofrimento de milhões de muçulmanos. Arafat jamais se atreveu a condenar a União Soviética depois da invasão ao Afeganistão — Moscou continuava sendo o aliado mais importante da OLP — e os reis, príncipes e presidentes do mundo árabe, que tinham maior conhecimento do que estava acontecendo no Iraque que seus homólogos ocidentais, não se pronunciaram sobre as deportações, torturas, execuções e matanças genocidas perpetradas por Saddam. A maioria deles castigava com

variantes das mesmas técnicas seus próprios habitantes (FISK, 2007, p.252).

Com todas essas informações, é visível que o “diferente” ou “anormal” na história da humanidade é um processo de construção. Essa construção é oriunda de vários elementos e um deles é a mídia.

Diante dessa afirmação de que a mídia coopera para a má imagem do islã, a socióloga Silvia Montenegro (2002) escreveu sua tese sobre como o jornalismo brasileiro forma a identidade dos grupos islâmicos no Brasil, desde retratos da mídia a respeito do islamismo mundial, bem como por meio do diálogo dessas visões da mídia no seio da comunidade islâmica de estudo. Para isso, a pesquisadora fez uso da etnografia na comunidade islâmica carioca, chamada Sociedade Beneficente Muçulmana do Rio de Janeiro (SBMRJ), à qual

estão vinculadas, aproximadamente, cinco mil pessoas (MONTENEGRO, 2002, p.66).

A mídia, como agente formadora de opinião, tem o poder, quando mal interpretada, de fazer com que seu público sinta desconforto em relação aos seguidores da religião de Maomé. O site de notícias da IG, Último Segundo, postou a matéria de Garcia sobre islamofobia no Brasil. Mulheres muçulmanas que residem no país sofreram ataques xenofóbicos (GARCIA, 2015).

Essa relação entre mídia e islã e os seus efeitos será tratada no próximo capítulo com mais profundidade.

2 O JORNALISMO E O ISLÃ

Depois do dia 11 de setembro de 2001 e as consequentes invasões ao Afeganistão e Iraque, perguntas referentes ao Oriente Médio, à divergência entre Palestina/Israel, à Cultura Muçulmana e ao Terrorismo Islâmico tornam-se recorrentes na cobertura jornalística em todo o mundo. Canais de televisão, sites e jornais investem milhões para tentar noticiar esta parte do globo.

A grande visibilidade conferida pela grande mídia, no entanto, continua muitas vezes reforçando os estereótipos e as representações que associam todos os aspectos do mundo islão à religião, desconsiderando a diversidade de uma região.

Ao observar as relações objetividade/subjetividade e parcialidade/imparcialidade¹³ para entender porque estas representações chegam aos jornais, é necessário reconhecer que o acontecimento jornalístico é um recorte da realidade, a partir do que identificamos, daquilo que julgamos notável. Acontecer para o jornalismo é uma questão em que estão envolvidos elementos sócio-históricos e culturais. Já para a notícia, o “acontecer”, acrescenta mais dois elementos: econômicos e subjetivos.

Através da guerra, grandes transformações acontecem nas sociedades que estão envolvidas no conflito, regalando mudanças nas relações sociais, econômicas e governamentais (BROTAS, 2005). Cobrir guerras sempre criou uma mistura de prazer, mistério, grandiosidade e aventura

¹³ O conceito de imparcialidade aqui não é empregado na sua essência. Este trabalho reconhece que essa imparcialidade levada ao extremo não existe. No entanto, parte do pressuposto de que existe a possibilidade de uma produção mais plural na elaboração da notícia.

cristalizada na figura do correspondente. Porém, a guerra como acontecimento é para o jornalismo um momento único que guarda uma contradição. Por suas características de acontecimento importante (GOMIS, 2002), de difícil cobertura, mas que não pode deixar de ser tratado, a guerra chama a atenção do campo profissional, dá mais velocidade ao dia-a-dia, muda modelos operacionais, facilmente integra a agenda midiática, sendo referência para a sociedade.

Neste contexto, importante para a descrição do inimigo e para buscar apoio às interpretações dos atores políticos envolvidos no conflito, é importante dizer que “a mídia faz parte da guerra e jornalistas transformam-se em alvos e protagonistas indiretos do conflito” (GOYZUETA, 2004).

A habilidade da mídia em agendar temas, delimitando o “cardápio” de assunto sobre os quais a sociedade deve pensar e influenciando a agenda

pública e política, contribui para que o jornalismo seja capaz de desestabilizar governos, alavancar causas sociais ou, pelo contrário, validar padrões de violência e injustiça (SOUSA, 2002). É esta capacidade do jornalismo em colaborar para a construção da realidade social, assinalando os temas (agenda setting) e as principais interpretações (enquadramentos) relevantes na sociedade, repercutindo em rede e invadindo as relações interpessoais, que chama a atenção dos governos.

A imagem das Torres Gêmeas despencando, estampada nas primeiras páginas dos veículos mais importantes do mundo, criou o clima de revanche que se alastrou nos Estados Unidos e encontrou rapidamente guarida na mídia. O ufanismo e o orgulho ferido foram disseminados por vários jornais ocidentais.

Segundo Brotas (2005), para a maioria dos analistas, o jornalismo internacional seguiu o

mesmo padrão patriótico exacerbado no 11 de Setembro, enquadrando a guerra como uma reação legítima dos americanos contra o Talibã, visto como um grupo de fanáticos islâmicos que personificavam o mal. É o choque de civilizações. A diferença de cultura entre o ocidente desenvolvido, humanístico e democrático contra o outro oriente, atrasado, violento, sanguinário e fanático (Ibid).

Assim, a relação da mídia com o islã foi sendo manchada e, no decorrer deste capítulo, o assunto será tratado com maior argúcia.

2.1. NOTÍCIA COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL

Conforme Berger e Luckmann (2002), “realidade” e “conhecimento” são princípios que equivalem a uniões bem específicas e são indispensáveis para a assertiva que mostra o real

como o resultado de um processo de construção social.

Respaldados por aspectos subjetivos e objetivos presentes no cotidiano, os contextos sociais podem ser diferenciados desde experiências decorrentes da interação e da comunicação entre as pessoas. A subjetividade, responsável pelo acesso aos aspectos subjetivos do outro através de diversos sintomas apresentados em um contato, pode ser identificada por meio da situação face a face proveniente da interação social e estabelecida pela troca comum de expressividades entre os seres humanos (GAMA & DADALTO, 2009).

Os aspectos objetivos válidos na vida cotidiana, também estão ligados à subjetividade garantida por meio da situação. Com a intenção de que se manifestem em produtos da atividade humana, as objetivações são apreendidas por meio da expressividade. Elas determinam a realidade do dia-a-dia.

A designação dos aspectos subjetivos e objetivos deixa considerar que a realidade coloquial é constituída por algumas objetivações que, embora advindas de processos subjetivos, são ângulos objetivos da vida do homem mediante o caráter empírico que apresentam (Ibid). Sendo assim, os enfoques subjetivos e objetivos possuem uma relação explícita e até mesmo necessária no mundo cotidiano e, frente à construção social da realidade, determinam-se como fatores fundamentais na constituição e desenvolvimento na sociedade.

Agora como o jornalismo se apodera dessa relação para a construção do seu maior produto: a notícia?

O jornalismo está associado à sociologia do conhecimento¹⁴. A participação do fazer

¹⁴ Com o surgimento da Sociologia do Conhecimento, nos anos 1920 e 1930, os estudos dos determinantes sociais da construção social da realidade ganham força por meio da análise dos processos de objetivação

jornalístico na realidade social sucede a partir da determinação do que é notícia até sua decodificação pelo receptor.

Fundamentada nos fatos decorrentes das ações no meio social, econômico, político e cultural, a notícia depende desta participação. A ligação da atividade jornalística com o dia-a-dia é recíproca. Isto é: ao mesmo tempo em que protagoniza vários acontecimentos no mundo real, o sujeito receptor decodifica¹⁵ estes fatos produzidos pela mídia. Do outro lado do processo, o emissor por mais que queira ser objetivo faz escolhas pautadas pela sua subjetividade, conhecimento e interesse.

das representações e de sua interiorização por meio da socialização (BERGER & LUCKMANN, 1983).

¹⁵ Segundo Stuart Hall (2003) o receptor não é um agente passivo do processo comunicativo, ele pode oferecer pelo menos três tipos de respostas: parcial, totalmente favorável ou contrária a informação ou notícia recebida. Esta resposta será projetada de acordo com o repertório e o capital social da pessoa.

Sendo assim, o cunho de construção social da notícia é explicado pelo tempo de validade das ocasiões objetivas e, principalmente, das influências subjetivas do dia-a-dia de vários membros da sociedade no andamento da produção das notícias. Além de estarem claras nesse processo, por coexistirem no cotidiano do jornalista responsável por tal produção, os aspectos objetivos e os aspectos subjetivos de um dado cenário constituem os fatos transformados em notícia e, assim, evidenciam-se na participação do jornalismo na construção social da realidade.

Para comprovar as afirmativas do parágrafo acima, pesquisas realizadas por várias décadas sobre a atividade jornalística demonstram que os aspectos subjetivos e os aspectos objetivos da realidade da vida cotidiana tornaram-se fatores

bastante relevantes para o desenvolvimento e solidificação de diversas teorias do jornalismo¹⁶.

A notícia como construção social também afeta os profissionais do jornalismo. De acordo com Schudson (1997 apud CORREIA, p 133).

A criação das notícias é sempre uma interação de repórter, director, editor, constrangimentos da organização da sala de redação, necessidade de manter os laços com as fontes, os desejos da audiência, as poderosas

¹⁶ Essas teorias são: a) Teoria do Espelho, pois foi a pioneira na explicação da origem das notícias. De acordo com este viés de pensamento, o jornalista é um comunicador com a incumbência de apurar e informar a verdade e, sendo assim, as notícias são de determinada forma porque a realidade assim as origina; b) Teoria do Gatekeeper. Esta perspectiva afirma que a produção da informação é determinada por várias escolhas, visto que as notícias dependem da seleção decisiva do jornalista – o gatekeeper – para serem produzidas; c) a Teoria Organizacional avalia o periodista mediante o cenário da empresa em que atua. Quer dizer: destaca as exigências organizacionais sobre a atividade jornalística junto à conformação do indivíduo com as normas da política editorial, em detrimento das crenças, opiniões e conceitos pessoais.

convenções culturais e literárias dentro das quais os jornalistas frequentemente operam se as pensar.

O ambiente de trabalho, a editoria e as exigências organizacionais do veículo são fatores importantes na hora da construção da notícia. Mario Wolf (2003) afirma que a noticiabilidade é constituída pelo complexo de requisitos que se exigem para os eventos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos aparatos informativos e do ponto de vista do profissionalismo dos periodistas –, para obter a existência pública de notícia.

A necessidade de se pensar sobre critérios de noticiabilidade nasceu frente à comprovação empírica de que não há espaço nos veículos informativos para a publicação ou veiculação da infinidade de acontecimentos que ocorrem no dia-a-dia. Diante do volume tão grande de matéria prima, é necessário estratificar para escolher qual

acontecimento é mais “merecedor” de adquirir existência pública como notícia. Muitos autores, ao analisarem a seleção de notícias, concentram sua atenção nos valores-notícias (características do fato em si)¹⁷ e na ação pessoal do profissional, mas, ao avançarem nas provas de que a seleção prossegue no trajeto do tratamento dos fatos dentro da redação, costumam empregar como sinônimos seleção e valores-notícia. Ambos são componentes da noticiabilidade (SILVA, 2005).

O trabalho de Silva (2005) permite também desconstruir o mito da imparcialidade propalada por muitos profissionais e pesquisadores da área. O ato de “selecionar” configura o rompimento da neutralidade. Acreditar que o jornalismo é a reprodução verdadeira dos fatos é errado, pois é

¹⁷ O trabalho de monografia de Érica Franzon serve como exemplo de como o fato em si é construído de forma diferente em cada veículo a partir dos valores – notícias. Vide: FRANZON, Érica. Os valores-notícia em telejornais, dez.2004, III Curso de Especialização em Estudos de Jornalismo (lato sensu) da UFSC. (orientadora a Profa. Gislene Silva).

presumir que os jornais são imparciais. De acordo com Damacena (2007), o mito da imparcialidade prega que a veracidade dos acontecimentos tem que ser apresentada acima de qualquer outra coisa e, quem os escreve, precisa deixar de lado todo seu conhecimento.

Segundo Tuchman (1993), os jornalistas produzem tipificações baseadas nas ocorrências de eventos que podem se transformar em notícias. Tipificações são classificações com fundamentos em esquemas da prática jornalística. Elas estão ancoradas ou encaixadas no uso do tempo e isto produz as notícias como histórias, assim como a ancoragem e o encaixe das tipificações no espaço geram os critérios de noticiabilidade, “conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é suscetível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável” (TRAQUINA, 2005, p. 63).

Discorrendo, ainda, sobre a noticiabilidade, Johan Galtung e Mari Holboe Ruge (1965) em um estudo sobre os critérios de notícia, enumeraram 12 fatores para que um fato se transforme algo valioso para ser transmitido¹⁸. Eles concluíram que o jornalista é um simples selecionador de informações, mas quando assume o papel de informante precisa estabelecer critérios para organizar o mundo à sua volta. É o que fazem os editores quando determinam a pauta. Esse processo de noticiabilidade e construção de uma notícia é constantemente negociado entre os profissionais de redação - editores, produtores, pauteiros e repórteres. (TRAQUINA, 1993).

¹⁸ Galtung e Ruge descrevem, na realidade, os seguintes critérios: frequência; threshold, ou amplitude (intensidade absoluta ou aumento de intensidade); inequivocidade; significância (relevância, proximidade cultural); consonância (predictibilidade, exigência); imprevisibilidade (impredictabilidade, escassez); continuidade; composição (do noticiário); referência a nações de elite; referência a pessoas de elite; referência a pessoas; referência a algo negativo.

Wolf (1995, p.168) declara que “a noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, de entre um número imprevisível e indefinido de fatos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias”. No entanto, a pergunta que fica é: quais são os fatos suficientemente relevantes para serem transformados em notícia? Wolf diz que na seleção dos acontecimentos o jornalista utiliza os valores/notícia, os quais o autor define como regras práticas intimamente ligadas às rotinas produtivas e aos valores profissionais. Wolf (1995, p. 174) crê que os valores/notícia são utilizados para “rotinizar” as tarefas, de forma que elas passem a ser possíveis.

Os critérios devem ser fácil e rapidamente aplicáveis, de forma que as escolhas possam ser feitas sem demasiada reflexão. Para além disso, a simplicidade do raciocínio ajuda os jornalistas a evitarem

incertezas excessivas quanto ao fato de terem ou não efetuado a escolha apropriada. Por outro lado os critérios devem ser flexíveis para poderem adaptar-se à infinita variedade de acontecimentos disponíveis; além disso, devem ser relacionáveis e comparáveis, dado que a oportunidade de uma notícia depende sempre das outras notícias igualmente disponíveis.

Adriano Duarte Rodrigues (1993), ao fazer uma análise acerca do acontecimento, diz que a mídia produz ao mesmo tempo um novo acontecimento, que ele chama de meta acontecimento. Os meta-acontecimentos são regidos pelas regras do mundo simbólico, o mundo da enunciação, articulando as instâncias enunciativas do sujeito - repórter, objeto - fato, agentes e atores.

A notícia que chega até o seu consumidor é, na verdade, o resultado de um processo de criação, que vai desde a pauta até o editor, que seleciona o que vai ser noticiado.

2.2 RELATOS HISTÓRICOS DA NOTÍCIA

Um fato interessante aconteceu no século XIX. Com a ascensão dos jornais, o mercado de notícias conheceu progressos notáveis, sustentando a criação de agências especializadas em noticiar. As maiores empresas de notícias surgiram entre 1832 e 1848, eram de grandes investidores franceses, ingleses e alemães. Grande parte delas existe até os dias de hoje como grandes potências do mercado de notícias mundial¹⁹. Mas no período

¹⁹ A Agência Havas (hoje chamada de Agência France-Presse), foi fundada pelo escritor e tradutor Charles- Louis Havas, em 1835. A agência tinha sua sede em Paris e mandava as informações mais importantes, e notícias estrangeiras por meio de telegramas para os jornais impressos, que lhes pagavam em dinheiro por esse serviço. Dois funcionários da Havas, Paul Reuter e Bernhard Wolff, posteriormente fundaram em Londres e Berlim, respectivamente, duas agências que rivalizariam com a Havas: a Reuters, em 1851 e a Wolffs Telegraphisches Bureau, em 1849. Depois, a Havas mudou de nome

de sua criação todas começaram uma disputa para divulgação de suas informações, que chegavam até mesmo a esconder fatos para exclusividade. Para Terrou (1970, p.34)

Essas grandes agências logo compreenderam que tal concorrência era inútil e preferiram fazer entre si acordos de troca de informações, primeiro esboço de uma divisão do mundo em que cada qual se reservou um domínio geográfico exclusivo.

Um pacto entre empresas de comunicação acarreta uma massificação de informações de um mesmo ponto de vista. Portanto, neste formato, as notícias são feitas a partir da visão de seus donos e noticiadas como verdade para outras agências que

para France-Presse, a Wolff para Deutsche Presse-Agentur, enquanto a Reuters permaneceu com o seu mesmo nome. Em 1853, em Turim, Guglielmo Stefani fundou a Agenzia Stefani, que, nas mãos do fascista Manlio Morgagni, se tornou a agência mais influente do Reino da Itália, e elevou a agência ao conhecimento internacional.

irão repassar as informações da mesma forma, assumindo assim, que a verdade possui apenas um lado.

De acordo com Schopenhauer (2005, p.55)

Antes de tudo, há dois tipos de escritores: aqueles que escrevem em função do assunto e os que escrevem por escrever. Os primeiros tiveram pensamentos, ou fizeram experiências, que lhes parecem dignos de ser comunicados; os outros precisam de dinheiro.

Isso evidencia que os jornais daquela época já apresentavam parcialidade em seus textos devido a um fator crucial: a renda que estava sendo ocasionada pela produção dessas notícias e conseqüentemente pelo consumo que aumentava cada vez mais, feito pela burguesia e assim mais notícias eram feitas para agradar a quem pagava. Ainda de acordo com Schopenhauer (2005, p.65).

Uma grande quantidade de escritores ruins vive exclusivamente da obsessão do público de não ler nada além do que foi impresso e escrito por jornalistas. Todo ser humano pago para fazer algo, o faz da maneira que mais agrade a quem o paga, logo, faz como o pagador manda.

De acordo com Damacena (2007), uma matéria já está destinada à parcialidade desde o momento em que é escolhida pelo editor, afinal, porque escolher uma e não outra? Pode-se dizer: “por causa da noticiabilidade” ou dos valores-notícia. Conforme Norma, Chaparro e Garcia (2005, p. 129):

Os jornalistas respondem sobre idealismo, características e imagem profissional, o papel da imprensa. Relatam curiosidades e histórias pessoais e de carreira. Oferecem também

impressões e visões sobre sua atividade, o mercado e o mundo. E debatem a nova realidade e tendências do jornalismo, com o advento da comunicação online.

O periodismo tem, hodiernamente, grande força em virtude da necessidade humana de se comunicar, de se conhecer e conhecer sobre os outros. E por essa razão, o fazer jornalístico se transformou em algo maior do que simplesmente narrar fatos, mas contar sobre a vida, o que, associado às necessidades do homem, fez com que a sociedade se manifestasse não só pelo acontecimento dos fatos, mas também o antecipando e tentando interferir no mesmo. É como explica Chaparro (1996, p.154): “Noticiar, é hoje, a forma mais eficaz de interferir no mundo”. Sendo assim, é possível estudar como o conteúdo é produzido e formatado nos veículos de comunicação. Isso instigou o recorte desse trabalho: analisar a construção do Islã,

principalmente após o surgimento do grupo terrorista Estado Islâmico, em duas plataformas midiáticas nacionais.

3 O RETRATO DO ISLAMISMO NA MÍDIA NACIONAL

O objetivo neste capítulo é analisar as matérias pós-ataques veiculadas na Folha de São Paulo e G1. Acredita-se que a metodologia da análise de conteúdo é a mais adequada, pois permite uma leitura qualitativa e quantitativa das matérias ao mesmo tempo em que possibilita ir além do aparente, do evidente e com isso aprofundarmos a análise.

3.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO

A análise de conteúdo pode ser mostrada como uma série de instrumentos metodológicos, em constante aperfeiçoamento, que se presta a analisar diferentes fontes de conteúdos (verbais ou não-verbais) (SILVA; FOSSÁ, 2013). Quanto à

interpretação, a análise de conteúdo transita entre dois pontos: o rigor da objetividade e a fecundidade da subjetividade. É uma técnica refinada, que exige do pesquisador, disciplina, dedicação, paciência e tempo (Ibid). Faz-se necessário também, certo grau de intuição, imaginação e criatividade, sobretudo na definição das categorias de análise. Jamais esquecendo, do rigor e da ética, que são fatores essenciais (FREITAS, CUNHA, & MOSCAROLA, 1997).

A forma como a análise dos dados é dada abrange muitas etapas com a finalidade de que se possa conferir significação aos dados coletados (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998; FLICK, 2009; MINAYO, 2001). Com relação às muitas fases inerentes à análise de conteúdo, autores diferenciam o uso de terminologias, entretanto, apresentam certas semelhantes (TRIVIÑOS, 1987). Sabendo da existência dessa diversidade, optou-se por tomar

como balizador deste estudo, as etapas da técnica propostas por Bardin (1988), como já foi dito na Introdução deste trabalho. Essas etapas são organizadas em três fases: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

1) Fase de Pré-Análise é desenvolvida para sistematizar as ideias iniciais postas pelo quadro referencial teórico e estabelecer indicadores para a interpretação das informações ajuntadas. A pré-análise compreende a leitura geral do material eleito, no caso de análise das matérias do Jornal Nacional, as matérias foram transcritas.

2) Fase de Exploração do Material: Nessa fase, todo o material coletado é recortado em unidades de registro. Serão tomados, como unidades de registro, os parágrafos de cada matéria. Desses parágrafos, as palavras-chaves são identificadas, faz-se o resumo de cada parágrafo para realizar uma primeira categorização. Todo material angariado nas

buscas e pesquisas foi estudado e dividido em categorias de análise²⁰:

2.1) Espaço: a análise do espaço que as matérias ocupam nos meios em relação ao restante da programação;

2.2) Posição: As notícias estão em destaque? No caso de impresso, estão na primeira página e a manchete chama a atenção?

2.3) Recurso Multimídia;

2.4) Qualidade da informação.

2.4.1) Fontes: oficiais, não oficiais, ouve os vários lados;

2.4.2) Contextualização;

2.4.3) Histórico.

2.5) Itens de observação²¹: Após a coleta e a seleção dessas matérias, teve início a tabulação dos dados. Uma tabela foi criada,

²⁰ Itens “2.1” e “2.2” serão utilizados somente nos meios impressos.

²¹ Os itens de observação foram pensados a partir da perspectiva de Soares (2006)

contendo três itens de observação, a saber: Categorização do Fato, Tipificação dos Envolvidos e Classificação do Islã. Termos, expressões, metáforas, ironias e generalizações relativas a cada um desses itens de observação foram tabulados e quantificados. A partir dessa tabulação, foi possível identificar os enquadramentos utilizados pelos veículos no que se refere às categorias na cobertura jornalística do caso dos atentados.

3) Fase de tratamento dos resultados obtidos e interpretação: os resultados obtidos serão reanalisados e corrigidos, se necessário.

Com a intenção de deixar mais nítida a sequência dos passos previstos no método de análise de conteúdo, apresenta-se a ilustração, esquematizada por Bardin (1977), através das

seguintes etapas, constantes na Figura 1²², localizada no Anexo.

As matérias analisadas foram divididas em duas datas recentes e que causaram comoção. O dia 08 de janeiro de 2015: o dia posterior ao ataque ao semanário Charlie Hebdo. O dia 19 de março de 2015: o dia seguinte ao ataque ao Museu Bardo. A intenção é ver o que os meios nacionais falaram dos acontecimentos no período de tensão.

No próximo tópico pode-se ver o resultado das análises feitas.

²² Figura 1: Desenvolvimento da análise de conteúdo Fonte: Bardin (1977)

3.2. A ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS MEIOS

Neste capítulo foi realizada a análise de conteúdo das matérias dos meios escolhidos. A análise começa com as notícias do ataque ao jornal francês, Charlie Hebdo e terminam com os fatos passados no Museu Bardo na Tunísia. Foram observadas todas as matérias produzidas pelos meios acerca dos acontecimentos. Após a leitura e análise de todas as matérias, começaram as tabulações.

Primeiramente, foi analisada a matéria do webjornal, G1.

- Charlie Hebdo

G1

Tabela 1

Recurso Multimídia		Sim		Fotos-Infográficos-hiperlinks- vídeos
Qualidade da Informação		Fontes Oficiais	Sim	Polícia- Governo
		Fontes Não- Oficiais	Sim	Testemunhas - Outros jornais.
		Contextualização	Sim	“A sede do jornal foi alvo de um ataque a bomba em novembro de 2011 após colocar uma imagem satírica do profeta Maomé em sua capa”.
		Histórico	Sim	“O jornal de humor tem sido ameaçado desde que publicou charges do profeta Maomé em 2006. Em novembro de 2011, a sede da publicação foi destruída por um ataque criminoso, já definido como atentado pelo governo na época”.
Itens de Observação ²³	<i>Tipificação dos envolvidos</i>	Atiradores	“... os atiradores separaram os homens das mulheres e perguntaram especificamente por algumas pessoas pelos nomes, antes de matá-las”.	
		Autores do Ataque	“... os autores do ataque portavam rifles Kalashnikov e gritaram “Vingamos o Profeta!”, em referência a Maomé, alvo de uma charge publicada há alguns anos pelo jornal, o que provocou revolta no mundo	

²³ Importante destacar que os itens de observação fazem parte da análise de enquadramento e aqui estão sendo utilizados para complementar a análise de conteúdo, que é a metodologia base deste estudo.

			muçulmano”.
		Muçulmanos	“O alvo foi sede de publicação satírica que já foi atacada por muçulmanos.”
		Suspeitos	“...três suspeitos foram identificados, mas ainda não há informações oficiais”.
		Indivíduos	“...dois indivíduos entraram na sede do jornal e perguntaram a dois funcionários da manutenção onde era a entrada”.
		Agressores	“Ao abandonar o prédio, os agressores atiraram contra um policial, atacaram um motorista e atropelaram um pedestre com o carro roubado”.
		Terroristas	“Três terroristas foram mortos.”
		Homens Armados	“... ataque de homens armados que deixou 12 mortos...”.
		Perigosos	“Eles (...) são perigosos, segundo as autoridades”.
	<i>Categorização dos Fatos</i>	Ataque	“Ele (presidente francês) classificou o caso como um ‘ataque terrorista’, e disse que a França está em estado de choque. Os autores do ataque são procurados pela polícia”.
		Crime	“O crime aconteceu no escritório do jornal satírico...”.
		Ação	“... consegui se esconder embaixo de uma mesa durante a ação, que durou cerca de cinco minutos”.
		Atentado	“Molins confirmou a informação de fontes policiais de que os autores do ataque afirmaram ‘vingar o profeta’ durante o atentado”.
		Massacre	“... suspeitos do massacre no jornal ‘Charlie Hebdo’...”.
		Momentos de Terror	“A França viveu momentos de terror com uma sequência de atentados...”.
	<i>Classificação do Islã</i>	_____	_____

Após a análise de cinco matérias do webjornal²³, datadas do dia 7 de janeiro de 2015 e atualizadas no dia posterior, teve início a tabulação dos dados por meio das categorias de análise. Notou-se que as matérias eram ricas em recursos de multimídia, deixando a leitura mais dinâmica e ampliando as possibilidades do leitor em se informar mais sobre o assunto.

Percebeu-se, também, que todos os itens da qualidade da informação, já citadas no tópico 3.1, estiveram presentes nos textos. No entanto, vale pontuar que as categorias como contextualização e histórico, apesar de informarem sobre o fato, negligenciam quanto à profundidade destas informações. Por exemplo, não há relatos sobre quando surgiu o Estado Islâmico, quais os valores

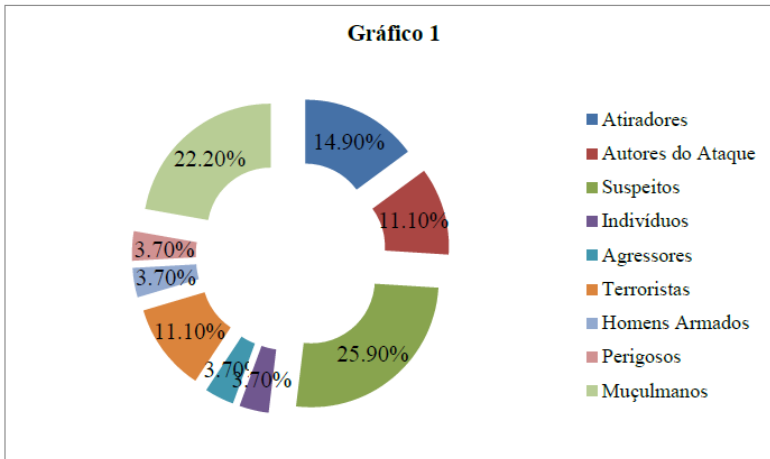
²³ A imagem das matérias está disponível no Anexo. **Perguntas e respostas sobre a sequência de atentados na França.** Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/o-que-se-sabe-e-o-que-falta-esclarecer-sobre-o-ataque-charlie-hebdo.html>

regem esse grupo, quais as diferenças entre o grupo terrorista e a religião islâmica.

Três itens de observação foram eleitos na análise acima. Eles são: *tipificação dos envolvidos*, *categorização dos fatos* e *Classificação do Islã*.

O primeiro item de observação analisado foi a tipificação dos envolvidos, ou seja, a forma como a notícia se refere aos personagens do acontecimento. Foram encontrados nove tipos diferentes de tipificação aos envolvidos, sendo elas: atiradores, autores do ataque, suspeitos, indivíduos, agressores, perigosos, homens armados, terroristas e muçulmanos.

No gráfico abaixo se pode ver, em números, a tipificação dos envolvidos.

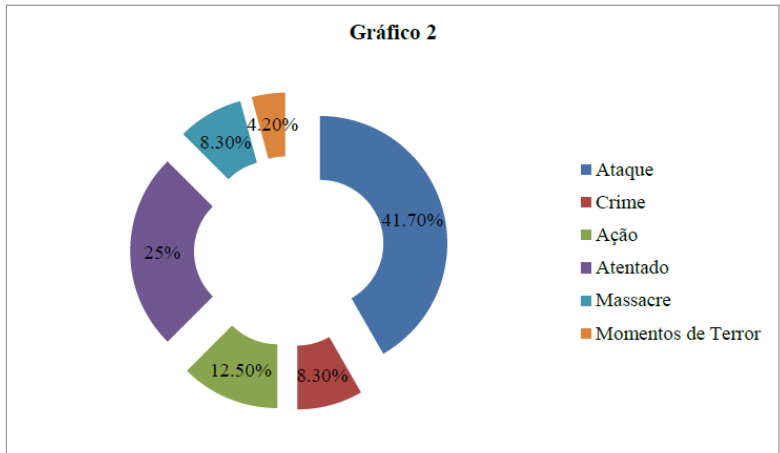


Das nove tipificações citadas na *tabela 2*, duas delas foram conceituadas como pejorativas, a saber: terroristas e muçulmanos. Embora o veículo não faça uma clara ligação entre muçulmanos e grupos terroristas, fica implícito dentro das matérias que há uma construção dos seguidores do

islã, posicionando-os e citando-os junto com grupos extremistas.

O segundo item observado foi a categorização dos fatos, que é a forma como os veículos classificam o acontecimento. Durante o período observado foram encontradas seis categorizações do evento, sendo elas: ataque, crime, ação, atentado, massacre e momentos de terror.

O gráfico 2 mostra, de forma mais clara, a quantidade de vezes que o fato foi categorizado.



Durante a análise das matérias, não foi encontrada informação referente ao islamismo. Embora fossem citadas palavras como “sharia”, “Maomé” e “muçulmano”, em nenhuma das vezes houve classificações em relação à religião. Porém, o fato de não contextualizar essas expressões, separando-as de grupos terroristas,

faz com que a imagem do islã não seja desassociada da violência.

Terminada a análise de matérias do webjornal, segue a análise do jornal impresso Folha de São Paulo, também sobre o ataque à Charlie Hebdo.

Folha de São Paulo

Tabela 2

Espaço	52,5cm X 29,7cm		
Posição	Capa do Jornal e Páginas A8 a A13 do 1º caderno		
Recurso Multimídia	Sim	Fotos – Infográficos – Reconstituição do Crime através de HQ’s – Charges	
Qualidade da Informação	Fontes Oficiais	Sim	Polícia – Governo
	Fontes Não-Oficiais	Sim	Testemunhas – Agências de Notícia – Jornais
	Contextualização	Sim	“Durante a ação, os autores gritaram ‘vingamos o profeta’, em alusão às charges de Maomé que o jornal publicava”.
	Histórico	Sim	“No maior atentado na Europa em quase dez anos e um dos maiores da história imprensa...”.

Itens de Observação	<i>Tipificação dos Envolvidos</i>	Terroristas	"...três terroristas mataram a tiros 12 pessoas...".
		Monstros	"'Esses monstros não representam...".
		Assassinos	"Ele ressaltou que seu governo fará de tudo para encontrar os assassinos...".
		Islâmicos	"Terroristas islâmicos invadiram nesta quarta-feira...".
		Suspeitos	"A identidade dos outros dois suspeitos...".
		Pessoas	"O ataque foi planejado (...) por pelo menos três pessoas".
		Homens	"...dois homens entraram num Citroën C3...".
		Atiradores	"A policia identifica dois atiradores...".
		Franco-árabes	"...franceses de origem árabe, que seriam moradores de Gennevilliers...".
		Extremistas	"...entrou no radar dos extremistas islâmicos...".
		Autores	"os autores gritaram 'vingamos o profeta' ...".
	<i>Categorização dos Fatos</i>	Histórica	"No maior atentado na Europa em quase dez anos e um dos maiores da história imprensa...".
		Atentado	"Nenhum grupo assumiu a autoria do atentado".
		Ação	"Durante a ação, os autores...".
		Assassinato	"Um video feito por vizinhos flagrou o assassinato".
		Ato Extremista	"... delírio de um ato extremista".
		Episódio	"... é saber que esse episódio dará abertura a discursos

			xenofóbicos...”.
		Ataque à liberdade de imprensa	“... classificou o ato como um ataque à liberdade de imprensa”.
		Selvageria	“Nos sentimos totalmente desamparados diante da selvageria”.
		Ataque	“... às 12 vítimas fatais do ataque ao jornal Charlie Hebdo...”.
	<i>Classificação do Islã</i>	Incompatível com a Europa	“... o islã seja incompatível com a Europa ‘cristã e democrática’...”.
		Fascista	“... ‘fascismo’ do islamismo radical”.
		Radicais	“... movimento islâmico terrorista e radical”.

A Folha de São Paulo produziu 13 textos²⁴ na edição de 08 de janeiro de 2015 acerca do

²⁴ Matéria 1 - Terroristas matam 12 em jornal e Paris para “vingar Maomé”. Matéria 2 - Polícia identifica dois atiradores como franceses de origem árabe. Matéria 3 – Semanário que sempre ironizou qualquer tipo de instituição. Matéria 4 – Apesar de ameaças, editor não se intimidava. Matéria 5 – Cartunista morto era visto como uma lenda entre colegas franceses. Matéria 6 – Cerca de 100 mil vão às ruas por vítimas de atentado na França. Matéria 7 – Ataque contra a mídia é o pior desde 2009, diz entidade. Matéria 8 – Maioria dos turistas brasileiros em Paris não sabia de atentado. Depoimento 1 – Fui morar em Paris por causa de Wolinski. Análise 1

acontecimento no semanário Charlie Hebdo, sendo oito matérias, uma análise, um depoimento, uma entrevista ping pong com Daniel Cohn-Bendit – líder do maio de 68 –, um texto de opinião e uma coluna.

Todos os textos foram analisados e, posteriormente, tabulados através das categorias de análise. A Folha deu destaque ao acontecimento ao colocar na capa do jornal um breve texto de chamada, informando o leitor sobre a existência de outras páginas com o conteúdo mais aprofundado. Pode-se perceber, também, que o jornal se utilizou de recursos multimídia para complementar a informação escrita nos textos.

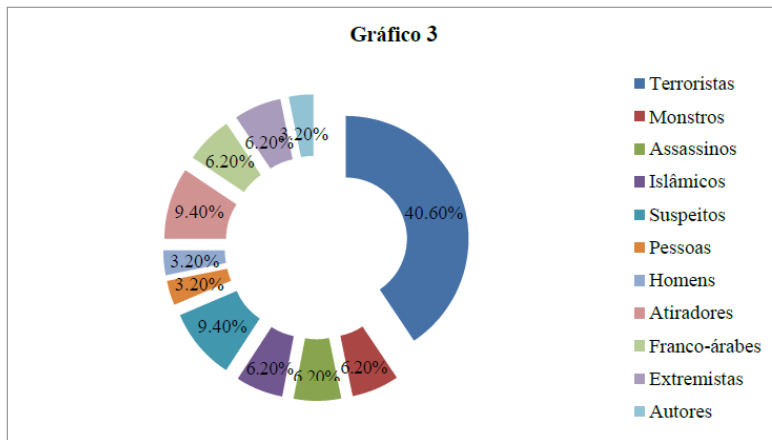
-
- Integração de muçulmanos à Europa é alvo de manipulações.
 - Entrevista 1 – Jornal foi alvo por ir até às últimas consequências.
 - Opinião 1 – Por três séculos a irreverência tem sido a corrente sanguínea da liberdade. Coluna 1
 - É o choque de civilizações?

Todos os tópicos da *Qualidade de Informação*, a saber: fontes oficiais e não-oficiais, contextualização e histórico, foram notados nas matérias.

Três itens de observação foram usados na análise, sendo eles: *Tipificação dos Envolvidos*, *Categorização dos Fatos* e *Classificação do Islã*.

Durante a análise, foram encontrados 11 diferentes tipos de tipificação dos envolvidos. Essas tipificações foram chamadas de subitens, que são: terroristas, monstros, assassinos, islâmicos, suspeitos, pessoas, homens, atiradores, franco-árabes, extremistas, autores.

A seguir está o gráfico que revela os números obtidos durante a análise e observação das notícias.



Dos 11 subitens encontrados e dispostos acima, pode-se fazer uma divisão entre “termos pejorativos” e “termos neutros”. Essa divisão foi feita de acordo com o contexto em que os termos foram utilizados.

Aproximadamente 45% das tipificações eram pejorativas, a saber, os termos: terroristas, monstros, assassinos, islâmicos e extremistas. O

termo “islâmico” está sendo considerado pejorativo pelo fato de ter sido utilizado para caracterizar terroristas, ligando os seguidores da religião a atos bárbaros e não separando o islã da violência e dos assassinos.

As outras tipificações possuíam teor neutro, utilizando adjetivos equânimes para caracterizar os envolvidos.

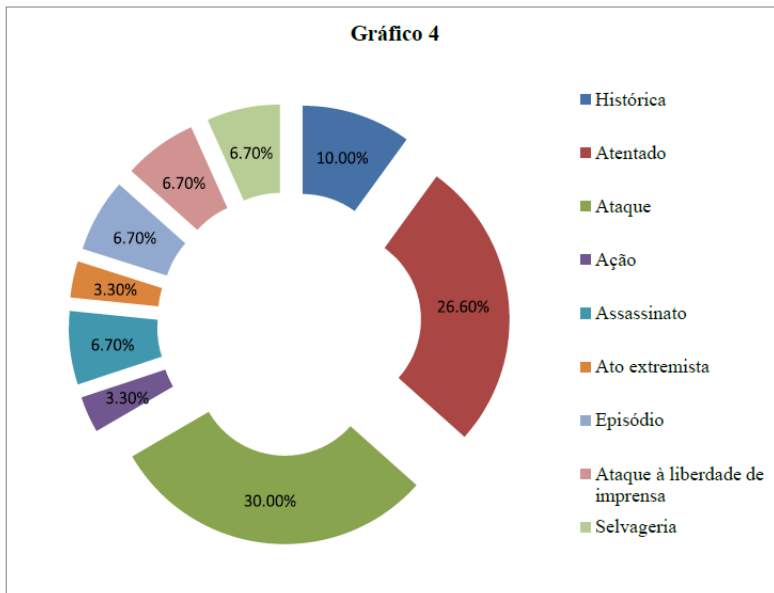
Em todo o conteúdo analisado, não houve termos positivos²⁵ quanto aos subitens observados. Todos os termos que se referiam a essas categorias eram de caráter neutro ou pejorativo, caracterizando um enquadramento de censura ou de expectativa em relação ao episódio.

No decorrer da análise, encontraram-se nove categorizações do ocorrido: histórica²⁶, atentado,

²⁵ Os termos positivos seriam aqueles que podem exaltar o indivíduo, como, por exemplo, dizer que “esses homens são heróis por vingar Maomé”. O termo “herói” seria positivo.

²⁶ O subitem de Categorização dos Fatos, “Histórica”, é por causa do teor histórico com o qual o atentado foi caracterizado

ataque, ação, assassinato, ato extremista, episódio, ataque à liberdade de imprensa, selvageria.



Nas matérias analisadas, três expressões foram utilizadas para classificar o islã: incompatível com a Europa, fascista e radical. Em

todas as análises, percebeu-se que tal expressão foi utilizada quatro vezes.

O gráfico a seguir explicitará os números com maior precisão.

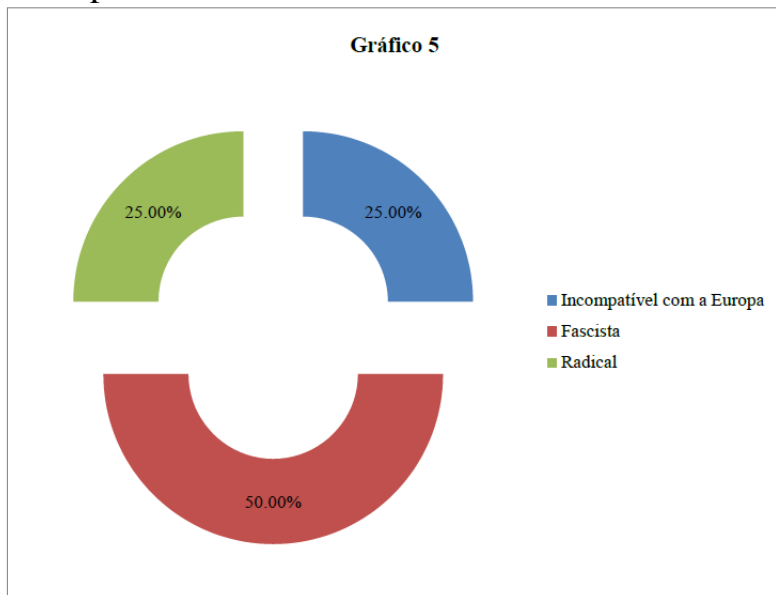
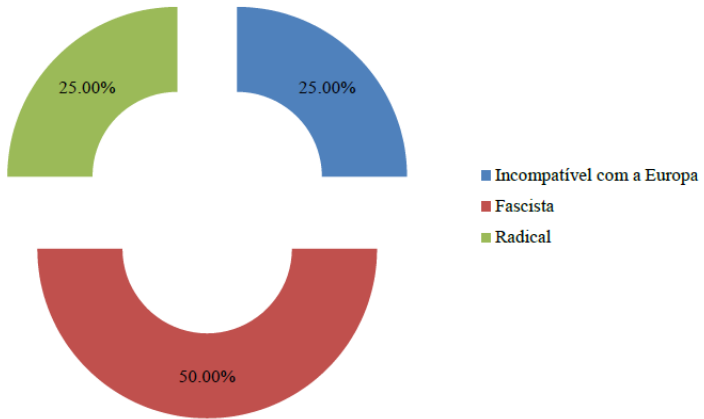


Gráfico 5



G1

Tabela 3

Recurso Multimídia		Sim	Fotos-hiperlinks-vídeos
Qualidade da Informação	Fontes Oficiais	Sim	Polícia – Governo
	Fontes Não-Oficiais	Sim	Testemunhas
	Contextualização	Sim	“No momento do ataque,
			deputados debatiam justamente, medidas mais rigorosas para combater o crescente extremismo islâmico no país”.
	Histórico	Não	
Itens de Observação	<i>Tipificação dos envolvidos</i>	Autores do Ataque	“Ainda não está claro quem são os autores do ataque”.
		Homens	“... depois do ataque promovido por homens armados...”.
		Responsáveis	“... os responsáveis pelo ataque...”.
		Indivíduos	“Essid e o ministério do Interior, no entanto, não dispõem de mais informações sobre os indivíduos, mas destacaram a possibilidade de dois ou três cúmplices”.
		Atacantes	“As autoridades informaram que os dois atacantes morreram durante o ataque, no qual 44 pessoas ficaram feridas”.
		Terroristas	“Segundo testemunhas, dois terroristas armados com rifles kalashnikovs chegaram atirando na entrada”.
		Militantes	“Militantes matam turistas em ataque ao Parlamento da Tunísia”.

		Acusados	"... acusados do ataque morreram em uma operação das forças de segurança..."
		Agressores	"... dois agressores mortos..."
		Elementos	"... dois ou três elementos, e nós lançamos vastas operações para identificar esses terroristas".
		Suspeitos	"Segundo ele, os suspeitos estavam armados com kalashnikovs e vestidos como seguranças".
		Islâmicos	"... militantes islâmicos que surgiram no país após as manifestações de 2011 contra o regime autocrata de Ben Ali".
		Jihadistas	"... o governo está preocupado com o retorno destes jihadistas e a realização de ataques em seu território".
	<i>Categorização dos Fatos</i>	Ação	"Além dos 17 turistas e dois tunisianos, dois militantes acusados do ataque morreram em uma operação das forças de segurança três horas após o início da ação, anunciou o governo".
		Ataque	"Segundo o premiê, a polícia procura dois ou três cúmplices do ataque".
		Atentado	"Dezenove pessoas - 17 turistas e dois tunisianos - morreram no atentado de quarta-feira contra o Museu do Bardo na capital

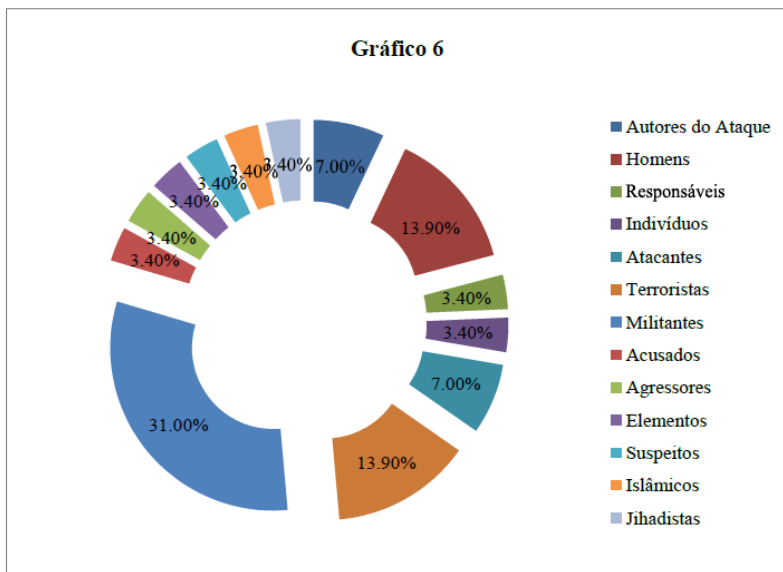
			tunisiana".
		Tiroteio	"Um tiroteio foi ouvido no edifício em torno das 12h locais, segundo a agência de notícias estatal TAP".
	<i>Classificação do Islã</i>	Extremismo Islâmico	"... combater o crescente extremismo islâmico no país".

Três matérias foram analisadas no webjornal G1 publicadas no dia 18 de março e atualizadas no

dia 19²⁷. No período de análise, notou-se que o website utilizou recursos de mídia para complementar a informação, como fotos e hiperlinks. As matérias possuíam todos os tópicos da Qualidade de Informação, exceto o “Histórico”.

Dentro do item de observação *Tipificação dos Envolvidos*, 13 subitens foram situados nas notícias. As tipificações eram: Autores do ataque, homens, responsáveis, indivíduos, atacantes, terroristas, militantes, acusados, agressores, elementos, suspeitos, islâmicos e jihadistas.

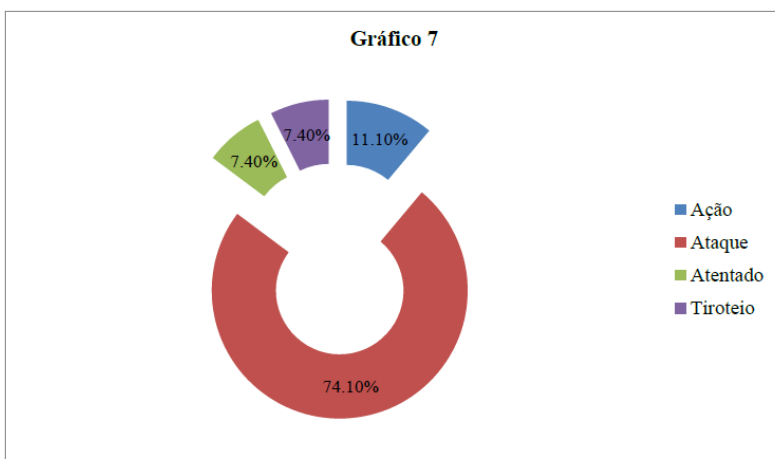
²⁷ Matérias em anexo.



As tipificações acima também foram divididas em “termo pejorativo” e “termo neutro”. As características consideradas neutras foram a maioria, com aproximadamente 82% de utilização nas matérias. Os “termos pejorativos”

foram terroristas e islâmicos. Não há a presença de termos positivos nas matérias.

Outro item de observação é o “*Categorização do Fato*” e quatro expressões foram encontradas. São elas: ação, ataque, atentado e tiroteio. A tabela abaixo explicitará em números.



No período de análise das matérias do G1, somente uma expressão foi utilizada para classificar o islã. A palavra utilizada foi “extremismo”. Ainda assim, o contexto em que o termo foi utilizado faz com que essa classificação do islã não seja pejorativa, pois evidencia que a religião tem outro lado: o não extremista.

Percebeu-se que a forma como o G1 constrói a imagem do islamismo não é difamatória, entretanto, a ausência de informação acerca do povo islâmico, contextualizando o assunto e tecendo um histórico para que o leitor se situe dos fatos, faz com que não seja possível separar a religião do Estado Islâmico.

Folha de São Paulo

Tabela 4

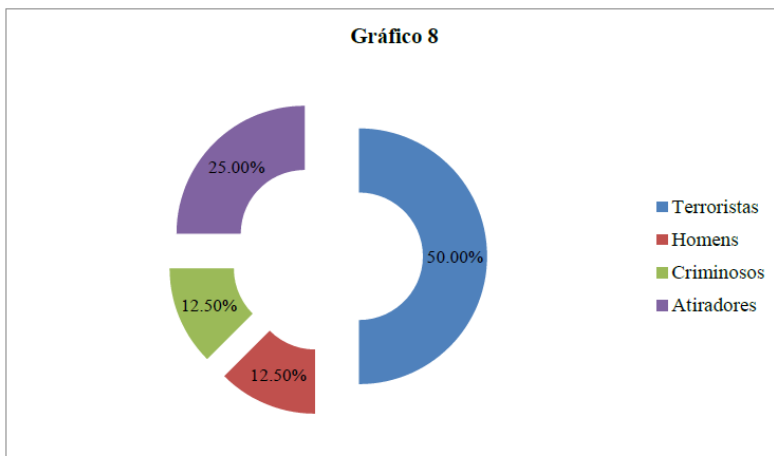
Espaço	52,5cm X 29,7cm		
Posição	1º caderno – Editoria Mundo		
Recurso Multimídia	Sim		Fotos – Infográficos – Reconstituição do Crime através de HQ's.
Qualidade da Informação	Fontes Oficiais	Sim	Governo
	Fontes Não-Oficiais	Sim	Agências de Notícia
	Contextualização	Não	_____
	Histórico	Sim	“Este foi o pior atentado em 13 anos no país do norte da África...”
Itens de Observação	<i>Tipificação dos Envolvidos</i>	Terroristas	“Em seguida, outros terroristas levaram dezenas de reféns...”
		Homens	“... dois homens com uniformes militares...”
		Criminosos	“... policiais abateram os criminosos...”
	<i>Categorização dos Fatos</i>	Histórica	“... o pior atentado em 13 anos no país do norte da África...”
		Atentado	“Atentado atinge principal atração do país árabe no dia em que Parlamento votava lei para coibir...”
		Ataque	“... foi alvo de uma taque armado...”
		Ação	“A ação foi condenada na Tunísia...”
		Tragédia	“... o Itamaraty não confirmou haver brasileiros mortos ou feridos na tragédia”.
<i>Classificação do Islã</i>	_____	_____	

A Folha produziu uma matéria sobre o atentado ao Museu Bardo, na edição do dia 19 de março de 2015²⁸. A notícia está localizada no primeiro caderno, na editoria “Mundo” e a matéria ocupa uma página inteira. Nessa matéria há a presença de recursos multimídia, como: fotos, infográficos e uma reconstituição do fato através de quadrinhos.

Não houve contextualização dos fatos, porém, todos os outros requisitos da Qualidade de Informação foram encontrados na análise do material.

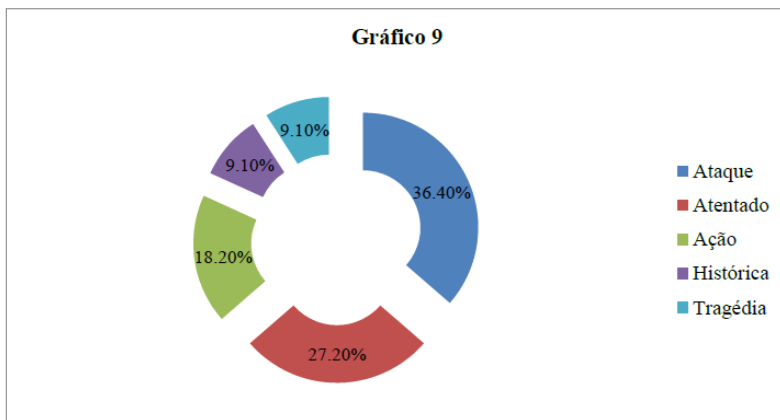
Dentro do item de observação *Tipificação dos Envolvidos*, quatro palavras foram localizadas: terroristas, homens, criminosos, atiradores. Segue abaixo a tabela.

²⁸ Matéria: Terroristas atacam museu e deixam 19 mortos na Tunísia.



Das quatro tipificações, 50% foram consideradas pejorativas, tais como: terroristas e criminosos. Na outra metade, os adjetivos usados foram considerados neutros. Não há a presença de termos positivos.

O gráfico 9 expõe a categorização factual. Cinco expressões foram encontradas, a saber: ataque, atentado, ação, histórica e tragédia.



Em nenhum momento foi feita uma rotulação ou dada uma classificação ao islã. Mesmo que a religião tenha sido citada durante o texto, adjetivos não foram usados para se referir a ela. Mas a falha de “não contextualizar” os fatos pode levar o consumidor da notícia a não fazer distinção entre o islã e o Estado Islâmico.

Essa falha pode ter consequências, tais como a contribuição para a xenofobia e preconceitos.

CONCLUSÃO

Ambos os meios adotaram enquadramentos muito semelhantes quanto à construção da imagem do islamismo nos pós-ataques nas 22 matérias analisadas. Na Folha de São Paulo, foram 21.829,5 centímetros quadrados (cm²) de análise e no G1, oito matérias. Percebemos que tanto o G1 quanto a Folha de São Paulo erraram no fato de contextualizarem muito pouco o islamismo dentro do corpo das notícias, podendo contribuir para uma imagem equivocada da religião.

A semelhança de enquadramento na construção das matérias revela equilíbrio e esse resultado traz um indicativo de que ambos os meios trataram o assunto de forma parecida, utilizando, muitas vezes, termos iguais para caracterizar o povo muçulmano.

Como o recorte do trabalho foi o dia posterior a atentados, muitas vezes ambos os veículos caracterizaram os envolvidos como “terroristas”, usando tal expressão por 24 vezes, o que simboliza que esse termo foi visto em 25% das 96 tipificações encontradas durante toda a análise. O ponto negativo do uso dessa palavra é que, em poucos momentos – ou em nenhum – houve uma distinção entre a religião e grupos terroristas, dando margem para interpretações errôneas que podem colocar o islã e o Estado Islâmico no mesmo patamar.

Durante toda a análise, notou-se que os meios focaram, na maior parte das matérias, nos termos factuais, respondendo às perguntas do lead: “Quem?”, “O que?”, “Quando?”, “Como?”, “Onde?”, “Por que?”, mostrando que, quanto a este prisma, as finalidades do jornalismo foram garantidas. Contudo, pouco, ou quase nada, foi aprofundado nas matérias. Conhecimento histórico

foi encontrado nas notícias, porém, em nenhuma das ocasiões, havia uma distinção entre a religião islâmica e o Estado Islâmico.

Entretanto, admitimos que a construção do islã nos pós-atentados nos dois veículos não é pejorativa e tampouco denigre a imagem da religião maometista de forma agressiva como se supunha no início deste estudo.

REFERÊNCIAS

- ABDALAT, H. **Islã em foco**. São Bernardo do Campo: CDIAL, 1998.
- ALCANTARA, Norma; CHAPARRO, Manuel Carlos; GARCIA, Willson. **Imprensa na Berlinda**. Editora Celebris. São Paulo, 2002.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J., & GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.
- ASLAN, Reza. **No God but God – The origins, evolution and future of Islam**. New York: Random House, 2005.
- BARDIN L. **L'Analyse de contenu**. Editora: Presses Universitaires de France, 1977. BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa : Edições 70, 1988.

BBC. Como o Estado Islâmico se tornou mais poderoso que a Al-Qaeda. **BBC** http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/08/140812_iraque_estado_islamico_dg.shtml. Acesso em 18 de nov. 2015.

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis: Vozes, 1983.

BIAGI, Orivado Leme. **Conteúdo e forma na Construção da Notícia**: Algumas questões sobre as coberturas realizadas pela imprensa das guerras da Coreia (1950-1953) e do Vietnã (1964-1973). Revista História Hoje. São Paulo n° 5; 2° semestre 2004.

BROTAS, Antonio. **Guerra e Terrorismo: os diferentes discursos e enquadramentos da Mídia**. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0062-2.pdf>. Acesso em 27 de agosto de 2015.

- CHAPARRO, Manuel. **Jornalismo na fonte**. Editora Celebris. São Paulo, 1996.
- CHAUVEAU, Agnès. TÉTART, Philippe (org.) (1999). **Questões para a história do presente**. Edusc, Bauru (SP).
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. Rio de Janeiro: Cortez, 1991.
- CORREIA, Fernando. **Os jornalistas e as notícias**. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.
- DAMACENA, Janary. **A Desconstrução da Notícia: O mito da imparcialidade no Jornalismo, no ano de 2007**. 49f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social – Jornalismo) - Centro Universitário de Brasília, 2007.
- DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. 2 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- FARRINGTON, Karen. **História Ilustrada da Religião**, São Paulo: Editora Manole, 1999.

FILHO & DELGADO. O Estado Islâmico e a aplicabilidade das normas de proteção do patrimônio cultural durante conflitos armados não internacionais. **Revista de Estudos Internacionais**, ISSN 2236-4811, Vol. 6 (1), 2015.

FISK, Robert. **O jornalismo e as palavras de poder**. Fórum Nacional pela Democracia da Comunicação, 01 de junho de 2010. Disponível: http://www.fncc.org.br/internas.php?=-noticias&cont_key=541693# Acesso em 15 de junho de 2015.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Artmed, 2009.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. **Islamismo**. Brasil Escola, 2010. Disponível em: <http://www.brasilescola.com/religiao/islamismo.htm>. Acesso em 15/05/ 2015.

FREITAS, H. M. R.; CUNHA, M. V. M., JR.; MOSCAROLA, J. Aplicação de sistemas de software para auxílio na análise de conteúdo.

Revista de Administração da USP, 32(3), 97-109, 1997.

GALTUNG, J. e RUGE, M. H. **The structure of foreign news. Journal of International Peace Research**, n.o 1, 1965.

GAMA, Ruhani & DADALTO, Maria. **A notícia como construção social no universo jornalístico**. Disponível: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/velhadadalto-gama-noticia-como-construcao-social.pdf>
Acesso em 07 de setembro de 2015

GARCIA, C. Islamofobia no Brasil: muçulmanas são agredidas com cuspidas e pedradas. **Último**

GARDELS, N.P. **No final do século: reflexões dos maiores pensadores de nosso tempo**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 1998.

GOMES, Ingrid. Tensões nas representações do Islã na História. **Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial**. abril, 2012. Disponível em:

<http://www2.metodista.br/unesco/anaisdaeclesiocoom/Trabalhos>. Acesso em: 22/06/2015

GORZEWSKI, Andreas. (2014) Iraq: Ten questions, ten answers. **Deutsche Welle**. Disponível em: <http://www.dw.de/iraq-ten-questions-ten-answers/a-17704102>. Acesso em 18/11/2015

HALL, Stuart. **Da diáspora – identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

KAMEL, A. **Sobre o Islã: afinidade entre muçulmanos, judeus e cristãos e as origens do terrorismo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

KIMBALL, Spencer. (2014) Evolution of the 'Islamic State'. **Deutsche Welle**. Disponível em: [<http://www.dw.de/evolution-of-the-islamic-state/a-17842591>]. Acessado em 18 de nov. de 2015..

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.) **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1976.

LEWIS, Bernard. **O Oriente Médio**. Do advento do cristianismo aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

LISTER, Tim. (2014) ISIS: The first terror group to build an Islamic State?. **CNN**. Disponível <http://edition.cnn.com/2014/06/12/world/meast/wh-o-is-the-isis/>. Acesso em 18 de nov 2015.

LOVISOLO, Hugo. “Mídia, lazer e tédio.” **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação** 25.2 (julho/dezembro 2002): 43 -66. Disponível em:

<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/419/388>. Acesso: 09/06/2015.

MAHAIRI, A. **Biografia do Profeta Mohammad**. São Bernardo do Campo: CDIAL, 1989.

MARCH, Andrew; REVKIN, Mara. Caliphate of Law. **Foreign Affairs**. Disponível em [http://www.foreignaffairs.com/articles/143679/andrew-f-march-and-mara-revkin/caliphate-of-law](http://www.foreignaffairs.com/articles/143679/andrew-march-and-mara-revkin/caliphate-of-law). Acesso em 18 de nov. 2015.

MATTOS, Marilene. **O processo de construção da notícia no jornalismo de televisão: a seleção do** 2015.

MENDES & COSTA. **O Discurso Midiático e a Construção da Notícia: relações entre infraestrutura e superestrutura da teoria bakhtiniana.** Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/mendes-costa-o-discurso-midiatico-e-a-construcao-da-noticia.pdf>. Acesso em 09 nov. 2015

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

MONTENEGRO, Silvia. Discursos e contradiscursos: o olhar da mídia sobre o Islã no Brasil.

Revista Mana. Rio de Janeiro: Mana, Vol. VIII, nº1, abril de 2002.

MORAES, Mayara. **Desvendando o Estado Islâmico.** Terra Notícias, 2014. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/mundo/desvende-o-estado-islamico/> Acesso em 21/06/2015.

MOREIRA, Deodoro. Mídia, Fundamentalismo e Terror: a lógica da barbárie. **Revista Univerciência: Estudos em Jornalismo e Mídia.** Vol. IV, nº1, p. 11 – 21, 1º semestre 2007.

NOBRE ALCORÃO. **Meca:** Complexo Editorial do Rei Fahd, [1426?].

PEREIRA, Luiza Helena. **Análise de conteúdo: um *approach* do social.** Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, v.9, p.87-114, 1998.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **O acontecimento**, in TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Lisboa: Veja, 1993.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de Escrever**. São Paulo. Editora L&PM, 2005.

SILVA, Andressa Henning; FOSSÁ, Maria Ivete. **Análise de Conteúdo: Exemplo de Aplicação da Técnica para Análise de Dados Qualitativos**.

Disponível em:
http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEPQ/enepq_2013/2013_EnEPQ129.pdf.

Acesso: 14/10/2015.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Revista Univerciência: Estudos em Jornalismo e Mídia**. Vol. II, nº1, p.95- 107, 1º semestre de 2015.

SIMCOX, Robin (2014). ISIS' Western Ambitions. **Foreign Affairs**. Disponível em:
<http://www.foreignaffairs.com/articles/141611/robin-simcox/isis-western-ambitions>.

Acessado em 18 de nov. 2015.

SOARES, M. C. Análise de enquadramento. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (org). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

SOUZA, Jorge Pedro. **As notícias e os seus efeitos**. Coimbra: Editora Minerva Coimbra, 2000.

TERROU, Frederic. **História da Imprensa**. Tradutor: Henrique Costa Filho. Rio de Janeiro, 1970.

TUCHMAN, Gaye. **A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas**, in Traquina, Nelson (org.) *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, pp. 74-90.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TRUZZI, Oswaldo. Patrícios, Sírios e Libaneses em São Paulo. Ed. Hucitec, São Paulo, 1997.

WOLF, Mário. Teorias da Comunicação. 4 ed. Lisboa: Presença, 1995. **ZIZEK, Slavoj. Bem-vindo ao deserto do real!** São Paulo: Boitempo, 2003.

GLOSSÁRIO

ÁRABE: membro dos povos semíticos que habitam a península Arábica.

DHIMMI: é um súdito não-muçulmano de um Estado governado de acordo com a *sharia*. A *dhimma* é um contrato teórico estabelecido com base numa doutrina islâmica amplamente difundida que concede direitos e responsabilidades limitadas aos seguidores do judaísmo, cristianismo ("Povos do Livro") e algumas outras religiões não-islâmicas. A *dhimma* permite a estes indivíduos o direito de residência (na Casa do Islã) em troca do pagamento de determinadas taxas. Os *dhimmi* têm menos direitos e responsabilidades legais e sociais que os muçulmanos, porém mais do que o resto dos não-muçulmanos. São dispensados ou excluídos de determinadas obrigações e responsabilidades atribuídas aos muçulmanos, porém noutros

aspectos, como leis de propriedade e contratuais, são iguais aos muçulmanos.

ISLÃ: a civilização que se ergueu sobre a base da fé islâmica;

ISLAMISMO: religião caracterizada por monoteísmo estrito e síntese entre fé religiosa e organização sociopolítica, fundada pelo profeta árabe Maomé, que codificou sua doutrina em um livro sagrado, o Corão, que se tornou o fundamento escrito da fé muçulmana;

MUÇULMANO: seguidor do islamismo.

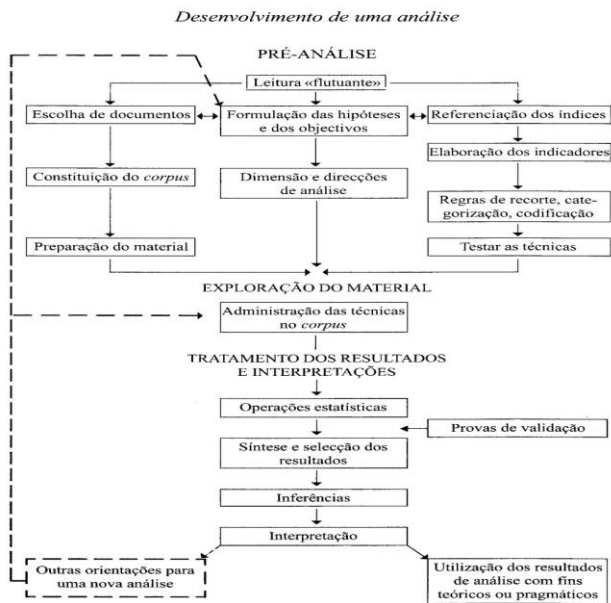
SHARIA: é o código de leis do islamismo. Em várias sociedades islâmicas atuais, ao contrário da maioria dos países ocidentais, não há uma separação clara entre a religião e o Estado ou entre a religião e a justiça.

UMMAH: é um termo que no islão se refere à comunidade constituída por todos os muçulmanos

do mundo, unida pela crença em Alá, no profeta Maomé, nos profetas que o antecederam, nos anjos, na chegada do dia do Juízo Final e na predestinação divina.

ANEXO

Figura 1



Matérias G1 analisadas

Além de Maomé, Jesus, o papa e políticos foram capa do semanal. Disponível em:

<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/alem-de-maome-jesus-o-papa-e-politicos-foram- capa-do-semanal.html>

07/01/2015 17h22 - Atualizado em 07/01/2015 19h48

Além de Maomé, Jesus, o papa e políticos foram capa do semanal

Publicação de humor 'Charlie Hebdo' foi alvo de ataque terrorista. Semanário era ameaçado desde 2006 por divulgar charges de Maomé.

Do G1, em São Paulo



Figuras da política e da religião eram os protagonistas da maioria das capas do semanário de humor "Charlie Hebdo", criada em 1970. Não apenas Maomé, mas também Jesus Cristo, os papas Francisco e Bento XVI, cardeais do Vaticano, ativistas do Fêmen e o presidente francês François Hollande foram retratados de forma cômica na primeira página.

Nesta quarta-feira (7), terroristas fizeram um atentado contra a redação que matou 12 pessoas, entre elas quatro cartunistas da publicação famosos na França e também fora do país. Segundo relatos, eles teriam gritado "vingamos o profeta", o que pode significar que o ato foi motivado pelas sátiras do semanário com a figura do profeta islâmico Maomé.

Última edição antes do atentado

Mundo

veja tudo sobre >



Sobreviventes voltam a Pearl Harbor 74 anos depois de ataque

7/12/2015



Justiça dos EUA investigará polícia de Chicago por morte de...

7/12/2015



Donald Trump quer proibir entrada de muçulmanos nos EUA

7/12/2015

Turquia diz que não retira tropas do Iraque, apesar de exigência de Bagdá

7/12/2015

Jornal Charlie Hebdo já havia sido atacado por charge de Maomé. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/revista-charlie-hebdo-ja-havia-sido-atacada-por-charge-de-maome.html>

MENU G1 MUNDO BUSCAR

01/02/2015 19h06 - Atualizado em 02/02/2015 09h05

Jornal Charlie Hebdo já havia sido atacado por charge de Maomé

Semanário satirizava todas as religiões em charges. Ataque a sede da publicação deixou 12 mortos nesta quarta-feira (7).

De DT, em São Paulo

FACEBOOK TWITTER ST PINTEREST



Fotos de arquivo mostram cartunistas da equipe do jornal 'Charlie Hebdo' mortos no ataque. Da esquerda para...

Mundo

- Sobreviventes colidem a Pearl Harbor 74 anos depois do ataque
- Justiça dos EUA investiga polícia de Chicago por morte de...
- Donald Trump: que perfil entrou de campanha nos EUA
- Turquia diz que não aceita tropas do Irã, apesar de exigência da Rússia

Ataque em sede do jornal Charlie Hebdo em Paris deixa mortos. Disponível em:

<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/tiroteio-deixa-vitimas-em-paris.html>

The screenshot shows a news article on the G1 website. The header is red with the G1 logo and the word "MUNDO" in white. A search bar with the text "BUSCAR" is on the right. The article title is "Ataque em sede do jornal Charlie Hebdo em Paris deixa mortos". Below the title is a sub-headline: "Polícia francesa disse que 12 pessoas morreram e 11 ficaram feridas. Alvo foi sede de publicação satírica que já foi atacada por muçulmanos." To the right of the article is a sidebar titled "Mundo" with a "Ver tudo sobre >" link. It contains three news items: "Sobreviventes voltam a Paarl Harbor 74 anos depois de ataque", "Justiça dos EUA investigará polícia de Chicago por morte de...", and "Donald Trump quer proibir entrada de muçulmanos nos EUA". Below these is a link for "Turquia diz que não retira tropas do Iraque, apesar de exigência de Bagdá". A large image of a street scene is partially visible on the left side of the article.

Milhares se manifestam na França por vítimas da 'Charlie Hebdo'. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/milhares-se-manifestam-na-franca-por-vitimas-da-charlie-hebdo.html>

MENU G1 MUNDO BUSCAR

07/01/2015 19h46 - Atualizado em 07/01/2015 19h32 AFP

Milhares se manifestam na França por vítimas da 'Charlie Hebdo'

Manifestações aconteceram em várias cidades francesas simultaneamente. Muitos carregam cartazes com a frase 'Eu sou Charlie'.

Da France Presse

FACEBOOK TWITTER G+ PINTEREST



Mundo
veja tudo sobre >

- Sobreviventes voltam a Pearl Harbor 74 anos depois de ataque**
07/02/2015
- Justiça dos EUA investigará polícia de Chicago por morte de...**
07/02/2015
- Donald Trump quer proibir entrada de muçulmanos nos EUA**
07/02/2015
- Turquia diz que não retira tropas do Iraque, apesar de exigência de Bagdá**
07/02/2015

Perguntas e respostas sobre a sequência de atentados na França. Disponível em:

<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/o-que-se-sabe-e-o-que-falta-esclarecer-sobre-o-ataque-charlie-hebdo.html>

The screenshot shows a news article on the G1 website. At the top, there is a red navigation bar with 'MENU', 'G1', 'MUNDO', and 'BUSCAR' (Search) options. The article title is 'Perguntas e respostas sobre a sequência de atentados na França'. Below the title, it states that attacks in Paris resulted in 17 deaths between Thursday and Saturday, with the largest attack at the Charlie Hebdo magazine office, which killed 12 people. The article is attributed to 'Do G1, em São Paulo'. There are social media sharing icons for Facebook, Twitter, and Google+. A large image shows the exterior of the Charlie Hebdo office at night, with a sign that reads 'DOCUMENT BFM TV'. To the right, there is a 'Mundo' sidebar with several news items: 'Sobreviventes voltam a Pearl Harbor 74 anos depois de ataque', 'Justiça dos EUA investigará polícia de Chicago por morte de...', 'Donald Trump quer proibir entrada de muçulmanos nos EUA', and 'Tanque diz que não retira tropas do Iraque, apesar de exigência de Bagdá'.

Militantes matam turistas em ataque ao Parlamento da Tunísia. Disponível em:

<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/03/criminosos-matam-turistas-em-ataque-ao-parlamento-da-tunisia.html>

MENU G1 MUNDO BUSCAR

18/03/2015 09:37 - Atualizado em 18/03/2015 20:01

Militantes matam turistas em ataque ao Parlamento da Tunísia

Segundo autoridades, dois tunisianos e 17 estrangeiros foram mortos. Dois militantes foram mortos; ação ocorreu em museu na capital do país.

De G1, em São Paulo

FACEBOOK TWITTER PINTEREST



Mundo
veja tudo sobre >

- Sobreviventes voltam a Pearl Harbor 24 anos depois de ataque.**
07/03/2015
- Justiça dos EUA investiga polícia de Chicago por morte de...**
07/03/2015
- Donald Trump quer proibir entrada de muçulmanos nos EUA**
07/03/2015
- Turquia diz que não retira tropas do Iraque, apesar de exigência de Bagdá**
07/03/2015

Tunísia identifica autores de ataque a museu e Parlamento.
Disponível em:
<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/03/tunisia-identifica-autores-de-ataque-museu-e-parlamento.html>

The screenshot shows a news article on the G1 website. The header is red with the G1 logo and the word "MUNDO". The article title is "Tunísia identifica autores de ataque a museu e Parlamento". Below the title is a sub-headline: "17 estrangeiros e dois tunisianos foram mortos em ação nesta quinta. Dois homens foram identificados; ataque ainda não foi reivindicado." The article is attributed to "Da France Presse". There are social media sharing icons for Facebook, Twitter, and YouTube. A large photograph shows emergency responders in blue uniforms attending to a person on a stretcher. In the background, there is a red van with "PROTECTION CIVILE" written on it. To the right of the main article is a "Mundo" sidebar with several smaller news items, including "Sobreviventes voltam a Pearl Harbor 74 anos depois de ataque", "Justiça dos EUA investigará polícia de Chicago por morte de...", "Donald Trump quer proibir entrada de muçulmanos nos EUA", and "Turquia diz que não retira tropas do Iraque, apesar de exigência de Bagdá".

Ataque a museu da Tunísia deixa 19 mortos e mais de 20 feridos. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2015/03/ataque-museu-da-tunisia-deixa-19-mortos-e-mais-de-20-feridos.html>

MENU G1 JORNAL HOJE BUSCAR

Edição de dia 16/03/2015
16/03/2015 14:02 - Atualizado em 16/03/2015 14:02

Ataque a museu da Tunísia deixa 19 mortos e mais de 20 feridos

Entre as vítimas, estão 17 estrangeiros.
Dois homens armados invadiram o Parlamento e depois o Museu Bardo.

FACEBOOK TWITTER G+ PINTEREST



Jornal Hoje
veja tudo sobre >

- Termina o prazo para pagar encargos de novembro dos...**
07/03/2015
- Soldados do Exército ajudam no combate ao Aedes aegypti em...**
07/03/2015
- MPF investiga causas do rompimento da barragem de Samarco...**
07/03/2015
- Partidos pedem mais tempo para indicar comissão do...**
07/03/2015

APÊNDICE

Linha do Tempo do Islã

570 – Nascimento do Profeta Maomé;

610 – Maomé recebe a primeira revelação no Monte Hira;

622 – Emigração muçulmana para Yathrib (atualmente, Medina);

624 – Batalha de Badr contra Meca e Quraysh;

625 – Batalha de Uhud;

627 – Batalha de Trench;

628 – Tratado de Hdaybiyyah entre Medina e Meca;

630 – Vitória de Maomé sobre o Quraysh e a ocupação muçulmana de Meca;

632 – A morte de Maomé;

632 – 634 – Califado de Abu Bakr;

634 – 644 – Califado de Umar ibn al-Khattab;
644 – 656 – Califado de Uthman ibn Affan;
656 – 661 – Califado de Ali ibn Abi Talib, considerado o primeiro Imã do Xiismo;
661 – 750 – A Dinastia Umayyad;
750 – 850 – A Dinastia Abbasid;
874 – A ocultação do vigésimo Imã, ou o *Mahdi*;
934 – 1062 – A Dinastia Buyid governa o oeste do atual Irã, o Iraque e a Mesopotâmia;
969 – 1171 – Dinastia Fatimid governa o Norte da África, Egito e Síria;
977 – 1186 – Dinastia Ghaznavid governa o Afeganistão e Norte da Índia;
1095 – Cruzadas lançadas pelo Papa Urbino II;
1281 – 1924 – O Império Otomano;
1501 – 1725 – Dinastia Safavid governa o Irã;
1526 – 1858 – Dinastia Mughal governa a Índia;
1857 – Índia se revolta contra a Inglaterra;
1924 – Criação da República Turca secular e fim do Califado Otomano;
1925 – Começo da Dinastia Pahlav no Irã;

1932 – Estabelecido o reino da Arábia Saudita;

1947 – Paquistão funda o primeiro estado islâmico;

1948 – Israel se torna um Estado através do voto de Osvaldo Aranha;

1979 – Soviéticos invadem o Afeganistão;

1980 – Irã refém da crise;

1987 – A Primeira Intifada ou Guerra das Pedras (Palestina contra Israel);

1988 – Fundação do Hamas;

1989 – Exército soviético é expulso do Afeganistão;

1991 – Guerra do Golfo Persa – formação da al-Qaeda;

1992 – Guerra Civil argeliana;

2000 – Segunda Intifada;

2001 – al-Qaeda ataca Nova Iorque e Washington;

2003 – Estados Unidos liderada invasão ao Iraque;

2006 – Hamas vence as eleições na Palestina;

2008 – Israel invade Gaza;

2010 – Missão de combate americana em solo iraquiano acaba;

2011 – Primavera Árabe ganha força;

2011 – Osama Bin Laden é morto na Paquistão;

2014 – Estado Islâmico ganha força;

2015 – Ataque à revista francesa Charlie Hebdo e ao Museu da Tunísia

Ficha de Análise

Espaço	-----		
Posição	-----		
Recurso Multimídia	-----		-----
Qualidade da Informação	Fontes Oficiais	-----	-----
	Fontes Não-Oficiais	-----	-----
	Contextualização	-----	-----
	Histórico	-----	-----
Itens de Observação	<i>Tipificação dos Envolvidos</i>	-----	-----
	<i>Categorização dos Fatos</i>	-----	-----
	<i>Classificação do Islã</i>	-----	-----



Editora Prospectiva